

OXIGÊNIO

MAIO 2025

o

NÚMERO 69

O FABRICANTE DE ILUSÕES



Andy Warhol

EDITORIAL

A exposição “*Andy Warhol: Pop Art!*” começou a ser tratada há 3 anos e exibe 600 obras do artista nesta megaexposição. Todos os trabalhos pertencem ao acervo do *The Andy Warhol Museum* (Pittsburgh/EUA), o maior museu dedicado a um único artista nos EUA, com 8 mil obras de todas as fases da carreira de Warhol.

O artista visual, diretor de cinema, produtor, criador do Popismo, creditado por inspirar a expressão amplamente utilizada “*15 minutos de fama*”, recebeu justo reconhecimento como artista influente e polêmico. Seu estúdio nova-iorquino, *The Factory*, tornou-se um conhecido ponto de encontro que reunia intelectuais ilustres, drag queens, dramaturgos, moradores de rua da boêmia, celebridades de Hollywood e patronos ricos.

Segundo Paulo Bonfá, co-fundador do Instituto Totex, organizador da mostra, “*The Factory era um lugar efervescente: ao mesmo tempo que a banda Velvet Underground estava ensaiando, Warhol estava pintando Mao, uma das suas obras-primas; o prefeito da cidade estava lá ao mesmo tempo em que Andy acolhia alguns mendigos que estavam pedindo comida porque ele ia fazer um coquetel à noite; Schwarzenegger e Stallone estavam lá porque iam participar de uma pintura... era um ambiente muito raro, muito difícil de encontrar. Porque ele congregava as pessoas, ele tinha essa paixão pela diversidade*”.

Um visionário, Andy Warhol explorou a democratização dos meios de comunicação e da comunicação de massas muito antes do advento da internet, das mídias sociais e dos filtros do Instagram.

Rendamo-nos, então, aos seus encantos.

Boa Leitura!

Capa: Andy Warhol, capa do disco “*The Velvet Underground & Nico*” – The Andy Warhol Museum, Pittsburgh; Founding Collection, Contribution The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc.

ÍNDICE

04

OXIGENE: Feira Internacional da Palavra 2025 – Itaúnas, ES | *Paixão Viva*, o primeiro solo de Ítala Nandi | Tributo ao grupo Secos e Molhados no Theatro Municipal de São Paulo | *Torto Arado – O Musical* estreia dia 17 no Rio de Janeiro | No CCBB Rio de Janeiro, a Pequena Companhia de Teatro do Maranhão

17

MATÉRIA DE CAPA: Megaexposição *Andy Warhol: Pop Art!* chega ao Brasil com mais de 600 obras do artista

24

Duas vezes Elizabeth Jobim

31

Marcone Moreira e Mônica Schoenacker na Casa de Cultura do Parque

33

Labirinto Interior – Renato Dib

36

Trabalhos de fotógrafas brasileiras em exposição na Sorbonne Art Gallery, em Paris

39

Nova exposição no Inhotim apresenta obras fotográficas e audiovisuais de artistas indígenas da América do Sul

44

Natureza Fantástica, de Patrícia Fairon, no Centro Cultural Correios RJ

46

Sintomas do Agora, um recorte da Coleção Collaço Paulo

50

Mostra em Paris debate a obra de Debret a partir do olhar de 14 artistas contemporâneos brasileiros

54

DIRETO DE LONDRES: A arte como refúgio

60

O universo de Tim Burton chega a São Paulo

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.



Elisa Lucinda

Foto: Vitor Nogueira

FESTA INTERNACIONAL DA PALAVRA 2025 – ITAÚNAS, ES

Evento idealizado pela atriz e escritora Elisa Lucinda celebra a diversidade em quatro dias de literatura, cultura e resistência. Entre as presenças confirmadas, estão Ailton Krenak, Teresa Cárdenas, Jean Wyllys, Itamar Vieira Junior, Bernadette Lyra e Eliana Alves Cruz

“*Ler a Vida*” é o lema da segunda edição da *Festa Internacional da Palavra*, que promete transformar Itaúnas, no Espírito Santo, em um polo de literatura entre os dias 21 e 24 de maio. Com programação gratuita, o evento reafirma seu compromisso com a descentralização do acesso à cultura e a valorização da literatura produzida por autores negros, quilombolas e

indígenas, promovendo uma experiência imersiva de trocas e reflexões. Assinam a curadoria a escritora e dramaturga Guiomar de Grammont e Lívia Corbellari.

A *Festa da Palavra* reúne grandes nomes da literatura nacional, aliando arte, oralidade e resistência cultural em um evento que atravessa gêneros, gerações e ter-

ritórios. Essa edição irá explorar a pluralidade de vozes e a inclusão cultural, dando protagonismo às narrativas decoloniais, indígenas, afro-brasileiras e quilombolas – um espaço de transformação e escuta ativa, possibilitando que autores de diferentes contextos compartilhem suas vivências para um público que busca entender e reconstruir narrativas.

"Ler amplia nossos recursos para interpretar melhor a vida. Nos dá repertório. Nosso lema deste ano é: Ler a vida! A Festa da Palavra leva esse nome porque ali ela é a protagonista. Tão sutil, tão intensa, tão banal, tão discreta, tão densa... a palavra nos une e tem um grande potencial antibélico", diz a atriz e diretora artística Lucinda.

Ao longo de quatro dias, escritores, poetas, artistas, educadores e leitores se reúnem para debates, oficinas criativas, lançamentos de livros e apresentações musicais. A Festa também dialoga diretamente com a juventude e a educação, incentivando a formação de leitores críticos e conscientes. *"Precisamos que nossas crianças e jovens tenham acesso às obras que reflitam suas realidades e heranças culturais. Quando um jovem negro, indígena ou quilombola se vê na literatura, ele entende que seu lugar no mundo também pode ser escrito, contado e celebrado",* completa Lucinda.

Guiomar de Grammont observa que *"as vozes plurais que compõem a Festa da Palavra lembram as dunas que flutuam na linha do mar em Itaúnas, local que parece ter saído de um romance do realismo mágico".* Para ela, *"a vila é o cenário ideal para o evento que celebra a liberdade de expressão e a diversidade em todos os sentidos: cultural, étnico e de gênero. Elisa Lucinda e eu trabalhamos juntas na construção de uma programação decolonial por excelência, com ressonâncias da oralidade quilombola e indígena e da potência da literatura negra produzida no Brasil",* enfatiza a curadora.

Este ano, a Festa homenageia dois grandes nomes da literatura e da luta pelos direitos culturais no Brasil: Nêgo Bispo e Bernadette Lyra. Antonio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, foi filósofo, poeta, escritor, professor e líder quilombola, deixando um legado de resistência e pensamento crítico sobre identidade, terra e ancestralidade. Já Bernadette Lyra, uma das escritoras mais importantes do Espírito Santo, é reconhecida por sua vasta contribuição à literatura brasileira, explorando os gêneros de ficção e narrativa histórica.



De cima para baixo: Nêgo Bispo e Bernadette Lyra
Fotos: Reprodução

O evento conta com participações de destaque, como a da roteirista e ativista social cubana Teresa Cárdenas. Entre os escritores e poetas nacionais, estão a escritora e pedagoga Kiusam de Oliveira, o escritor e quadrinista Estevão Ribeiro, a escritora Marília Cafe, o jornalista, escritor e ex-deputado federal Jean Wyllys, a poeta e cronista Ediphôn Souza, a jornalista e escritora Livia Corbellari, o escritor e curador Saulo Ribeiro, a escritora e articuladora política Selma Dealdina Mbaye, a atriz e poeta Elisa Lucinda, o escritor Itamar Vieira Junior, ganhador de dois prêmios Jabuti, o autor e poeta popular Arquimino dos Santos, a escritora e atriz Ingrid Carrafa, a escritora, roteirista e jornalista Eliana Alves Cruz, a escritora Bernadette Lyra, a atriz, poeta e autora Suely Bispo, a escritora Guiomar de Grammont e a escritora de literatura de cordel capixaba Katia Bobbio.

No campo do pensamento e ativismo, destacam-se o escritor, pensador e ativista indígena Ailton Krenak, a pensadora e ativista indígena Yakui Tupinambá, o filósofo Renato Nogueira, a pesquisadora e filha do Nêgo Bispo, Joana Maria, e a pesquisadora ambiental Marta Tristão. Na música, a cantora e compositora Sandra Sá e a cantora Bia Ferreira.

O evento é um ponto de encontro entre passado e futuro, ancestralidade e contemporaneidade, ampliando o alcance da literatura e seu papel como força transformadora. E a realização da *Festa da Palavra* em Itaúnas é também um ato de resgate e celebração da oralidade presente nas comunidades quilombolas e caiçaras da região. Localizada no município de Conceição da Barra, Itaúnas carrega na paisagem e na cultura a fusão entre memória e renovação, criando um ambiente fértil para histórias que atravessam o tempo.

A *Festa Internacional da Palavra 2025* é realizada pelo Instituto Manguerê, Secretaria de Cultura do ES e Mi-

nistério da Cultura, com patrocínio da EDP e do Banestes, por meio da Licc — Lei de Incentivo à Cultura Capixaba e da Lei Rouanet. A direção de produção é da MM Projetos Culturais e a direção artística da Casa Poema. Apoio da Prefeitura de Conceição da Barra.

SERVIÇO

2ª Festa Internacional da Palavra

21 a 24 de maio

Itaúnas, Conceição da Barra / ES

Entrada gratuita

Consulte toda a programação em

<https://www.festadapalavra.com/>



Itaúnas, ES

Fotos: Vitor Jubini / Mtur



“PAIXÃO VIVA”, O PRIMEIRO SOLO DE ÍTALA NANDI



Foto: Divulgação

Atriz de 82 anos revisita sua trajetória de mais de seis décadas de carreira artística. O espetáculo, dirigido por Evaldo Mocarzel, inicia temporada no dia 1º de maio, no Teatro Poeirinha, RJ

Ícone da cultura brasileira, com trajetória marcante tanto no cinema como no teatro e na televisão, a atriz Ítala Nandi, de 82 anos, estreia no Teatro Poeirinha, em Botafogo, Rio de Janeiro, o solo performático *“Paixão Viva”*, com o qual dá início às comemorações dos seus 65 anos de carreira. Escrito a quatro mãos por Ítala e o cineasta Evaldo Mocarzel, que também a dirige, o monólogo revisita importantes momentos da história pessoal e profissional da premiada artista gaúcha.

Principal figura feminina no início do Teatro Oficina, Ítala esteve na primeira e antológica montagem de *“O Rei da Vela”*. Foi musa do cinema nacional por quase duas décadas, protagonista do primeiro nu de uma mulher no teatro brasileiro – no espetáculo *“Na Selva das Cidades”*, em 1969 – e intérprete de memoráveis personagens no palco e na TV. Coleciona grandes momentos em longas emblemáticos das filmografias de Joaquim Pedro de Andrade (*“O Homem do Pau Brasil”*), Ruy Guerra (*“Os Deuses e os Mortos”*), Anna Muylaert (*“O Clube das Mulheres de Negócios”*) e Arnaldo Jabor (*“Pindorama”*), entre outros.

“Fico nua para defender minhas ideias. Sou uma mulher livre. Vivo de arte desde que me entendo por gente. Sejamos realistas, queiramos o impossível. Esse é meu lema. Nunca tive preconceitos, sou fiel a mim e tenho o coração voltado para o amor”, diz a atriz e escritora.

Concebida inicialmente para uma apresentação online durante a pandemia, via Sesc SP, *“Paixão Viva”* cresceu, tomou corpo, e também pode ser chamado de documentário cênico. A produção é da Dobbs Scarpa. *“Ítala revisita personagens, cria diálogos imaginários com pessoas que influenciaram profundamente sua vida e arte, sem fronteiras definidas. Nesta narrativa, ela transita entre passado, presente e futuro”*, conta Evaldo Mocarzel, ao revelar que o espetáculo também contém cenas projetadas no corpo da atriz.

SOBRE ÍTALA NANDI

Nascida em Caxias do Sul (RS), em 1942, a atriz, que possui Notório Saber em Artes Cênicas pela UFRJ, completa 65 anos de carreira. Atuou em mais de 20 filmes, 20 telenovelas e 30 peças de teatro nas últimas seis décadas. Junto com Zé Celso Martinez Corrêa e Renato Borghi, foi um dos nomes fundamentais do Teatro Oficina, na década de 1960. Juntos estrelaram as antológicas montagens de *“O Rei da Vela”* e *“Na Selva das Cidades”*. É vencedora do Troféu Redentor de Melhor Atriz do Festival do Rio, por sua atuação no filme *“Domingo”* (2017), disponível no streaming. Já venceu o Prêmio Molière de Teatro, entre outros, e também foi indicada ao Urso de Prata em Berlim, pelo filme *“Sagarana”*, em 1974, e à Palma de Ouro em Cannes, por *“Pindorama”* (1973).

Em 1975, foi eleita melhor atriz no Prêmio Air France pelo desempenho no longa *“Guerra Conjugal”*. Também é uma das responsáveis pela criação do Festival de Cinema do Paraná. Ainda no cinema, trabalhou com alguns dos maiores cineastas brasileiros, como Joaquim Pedro de Andrade, Arnaldo Jabor e Ruy Guerra. Participou de três grandes novelas da TV brasileira: *“O Direito de Amar”*, *“Que Rei Sou Eu?”* e *“Pantanal”*. Já lançou quatro livros, entre eles, os celebrados *“Teatro Oficina, Onde a Arte Não Dormia”* (Ed. Nova Fronteira) e *“Milagres”* (Ed. Pimenta Malagueta), de contos. Incansável, é diretora do Espaço Nandi, escola de formação de atores no RJ.

SERVIÇO

Ítala Nandi em “Paixão Viva”

De 1º de maio a 29 de junho

Teatro Poeirinha

Rua São João Baptista, 104, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: quinta a sábado, às 20h; domingo às 19h

Duração: 90 minutos | Classificação: 14 anos

Ingressos: R\$ 120 (inteira) e R\$ 60 (meia)

Vendas:

https://bileto.sympla.com.br/event/104466/d/309337/s/2109439?share_id=1-copiarlink

Tributo ao grupo Secos e Molhados no Theatro Municipal de São Paulo

O concerto, agendado para os dias 16 e 17 de maio, é um dos destaques da programação do mês, além da ópera Don Giovanni e da nova temporada do Balé da Cidade de São Paulo



Coral Paulistano, Orquestra Sinfônica Municipal

Foto: Site do Theatro / Reprodução

O Coral Paulistano e a Orquestra Sinfônica Municipal, sob regência de Maíra Ferreira, protagonizam um dos concertos mais aguardados de 2025 no Theatro Municipal de São Paulo, *Tributo a Secos e Molhados*. O espetáculo, dirigido por Otávio Juliano, conta com a participação especial de João Ricardo.

Em 1970, o cantor e compositor João Ricardo estava em Ubatuba e se deparou com um armazém cuja placa indicava “secos e molhados”. No ano seguinte, formou a banda ao lado de Ney Matogrosso e Gérson Conrad e, em 23 de maio de 1973, entrou em estúdio para gravar o seu primeiro disco: *Secos e Molhados*. Neste

concerto, o Coral Paulistano apresenta as canções icônicas do grupo, entre as quais, *Sangue Latino*, *Rosa de Hiroshima*, *Fala* e *O Vira*.

DON GIOVANI

Conhecido como um drama jocoso, fruto da parceria entre Wolfgang Amadeus Mozart e o libretista Lorenzo Da Ponte, a ópera *Don Giovanni* retorna ao palco nos dias 2, 3, 4, 6, 7, 9 e 10 de maio. A direção cênica é de Hugo Possolo; a direção musical, de Roberto Minczuk, maestro titular que fará a regência da Orquestra Sinfônica Municipal.

Em *Don Giovanni*, o protagonista vive em uma saga de seduições frustradas e acertos de contas com seu passado. Essa trama construída por Da Ponte remonta histórias anteriores de autores como Tirso de Molina, G. Bertati e Molière, o último responsável por *Dom Juan*, ou *Le Festin de Pierre*, de 1665, cujo impacto estará mais presente na nova montagem.



Don Giovanni

Foto: Site do Theatro / Reprodução

DANÇA | BOCA ABISSAL E TÃO CARNE QUANTO PEDRA

De 23 de maio a 1º de junho, o Balé da Cidade de São Paulo apresenta novas criações de Rafaela Sahyoun e Michelle Moura.

Boca Abissal, de Rafaela Sahyoun, explora um campo relacional sustentado nas potencialidades emergentes das relações estabelecidas entre os corpos com e no espaço. A coreografia revela como os sentidos operam de forma constante, transformando questões abstratas em experiências sensoriais tangíveis.

Tão carne quanto pedra, de Michelle Moura, foi construída a partir da manipulação de expressividades e intensidades, com um acúmulo visceral-minimalista de gestos, sons e significados. A proposta é produzir fantasmagorias psicofísicas que revelam aspectos energéticos e emocionais do corpo, enquanto se buscam fricções/ficções entre as categorias de “natural” e “artificial”.

SERVIÇO

Don Giovanni

2, 3, 4, 6, 7, 9 e 10 de maio

Duração aproximada: 190 minutos (com intervalo)

Classificação: não recomendada para menores de 12 anos

Ingressos: de R\$ 33 a R\$ 210 (inteira)

Tributo a Secos e Molhados

Sexta, 16 de maio, às 20h; sábado, 17 de maio, às 17h

Ingressos: de R\$ 11 a R\$ 70 (inteira)

Boca Abissal e tão carne quanto pedra

Sexta, 23 de maio, 20h; sábado, 24 de maio, 17h;

domingo, 25 de maio, 17h; quarta, 28 de maio, 20h;

sábado, 31 de maio, 17h; domingo, 1º de junho, 17h

Classificação: livre para todos os públicos

Ingressos: de R\$11 a R\$92 (inteira)

Theatro Municipal de São Paulo – Sala de Espetáculos

Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé, São Paulo / SP

Programação completa em

<https://www.theatromunicipal.org.br/>

Foto: Site do Theatro / Reprodução





Foto: Caio Lirio

“TORTO ARADO – O MUSICAL” estreia dia 17 no Rio de Janeiro

O espetáculo – uma adaptação livre do best-seller de Itamar Vieira Junior – chega à capital carioca após duas temporadas com sessões esgotadas em Salvador e São Paulo

“*Torto Arado – O Musical*” traz um texto épico e lírico que revela, para além de sua trama, uma história de vida e morte nas profundezas do sertão baiano, um poderoso elemento de insubordinação social, de combate e redenção. Questões delicadas e difíceis como trabalho análogo à escravidão, racismo, resistência, sobrevivência, disputa de terra, bem como o universo da fé, magia, poesia e religiosidade são abordadas tanto no livro, quanto no musical. Um projeto que promove diálogo inédito entre as criações artísticas de Itamar Vieira Junior e Elísio Lopes Junior, ambos baianos que compartilham com o público novas visões do Brasil e de sua diversidade.

Com direção geral de Elísio Lopes Júnior, o musical tem 22 profissionais em cena, sendo seis músicos e 16 atores. Em duas

horas e vinte minutos de duração, *“Torto Arado – O Musical”* mergulha na cultura popular brasileira contada por Itamar Vieira Júnior e revela a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia. Marcadas por um acidente de infância, vivem em condições de trabalho análogo à escravidão em uma fazenda no sertão da Chapada Diamantina, na Bahia. Na adaptação teatral, uma nova personagem também protagoniza a cena, em relação à história original, a avó Donana.

No elenco principal, três profissionais na área musical e teatral: a cantora e apresentadora Larissa Luz (Bibiana); a atriz, cantora, compositora e teatróloga Bárbara Sut (Belonísia) e Lilian Valeska (Donana). A direção musical com composições inéditas é assinada por Jarbas Bittencourt. *“Torto Arado – O Musical” é um espetáculo de música popular brasileira, onde todos os ritmos e dinâmicas são ligadas ao cancioneiro do sertão*

nordestino interiorano, com interpretações e sonoridades totalmente brasileiras”, afirma Bittencourt.

O espetáculo é apresentado pelo Ministério da Cultura e Nubank, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, e realizado pela Maré Produções, Ministério da Cultura e Governo Federal União e Reconstrução.

SERVIÇO

Torto Arado – O Musical

Teatro Riachuelo

Rua do Passeio, 38/40, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Estreia: 17 de maio, às 20h

Temporada: de 17 de maio a 15 de junho

Dias/Horários: quintas e sextas, às 20;
sábados, às 16h e às 20h; domingos, às 16h

Ingressos: R\$ 40,00

Vendas: <https://www.ingresso.com/?city=rio-de-janeiro>
e bilheteria do teatro

Classificação: 14 anos

Foto: Caio Lirio





Espectáculo “Velhos caem do céu como canivetes”

Foto: Divulgação

No CCBB Rio de Janeiro, a Pequena Companhia de Teatro do Maranhão

O grupo – formado pelos atores Cláudio Marconcine e Jorge Choairy, pelo encenador Marcelo Flecha e pela produtora Katia Lopes – completa 20 anos de uma premiada trajetória, marcada por uma obra reflexiva e comprometida com a democratização da cultura e o cuidado com o meio-ambiente

A Ocupação da Pequena Companhia de Teatro reúne os espetáculos “Velhos caem do céu como canivetes”, a partir da obra de Gabriel García Márquez (até 5 de maio); “Pai & Filho”, a partir da obra de Franz Kafka (de

8 a 19 de maio); “Ensaio sobre a memória”, a partir da obra de Jorge Luís Borges (de 22 de maio a 2 de junho); e “Desassossego”, a partir da obra de Fernando Pessoa (de 5 a 9 de junho). Haverá debates nos dias 3, 17 e

31/05 e 7/06, após as apresentações, e sessões Inclusivas (com intérprete de libras) nos dias 11 e 25/05 e 8/06, aos domingos, às 18h.

Além dos espetáculos, o CCBB RJ apresenta a *Pequena Mostra de Teatro*, uma exposição que retrata a trajetória, pesquisa e desenvolvimento do grupo teatral maranhense, em cartaz de 1º de maio a 9 de junho, de quarta a segunda, das 9h às 20h. A mostra reúne imagens, diários, iluminações, ilustrações e catálogos, que destacam o conceito de artesanania e o compromisso com o teatro de grupo; as tecnologias desenvolvidas para reduzir os impactos ambientais; a construção de uma pesquisa de linguagem focada na dramaturgia do ator; e a visão do teatro como um potente instrumento de reflexão para além do entretenimento.

Os espetáculos da Pequena Companhia de Teatro são desenvolvidos para dispensar qualquer recurso técnico oferecido pelos espaços onde se apresentem: cenários, iluminação artesanal e sonoplastia estão inseridas nas encenações e são adaptáveis a qualquer tipo de espaço, seja ele alternativo ou palco italiano. Esse processo será abordado na oficina *“Artesanias iluminocenográficas: desenvolvendo tecnologia a partir da obsolescência”*, ministrada nos dias 14 e 28/05. *“É a nossa maneira de, no campo estético, fazer uma crítica à obsolescência programada”*, destaca Marcelo Flecha.

SOBRE OS ESPETÁCULOS

Velhos caem do céu como canivetes

Um ser alado cai no quintal de um ser humano. É a partir dessa premissa que a narrativa se desenvolve. O ser humano, um catador de lixo que tenta sobreviver à miséria que assola sua família, vê sua rotina mudar com a queda do ser em seu quintal. O espanto inicial dá lugar à necessidade de identificar o estranho, gerando um permanente questionamento quanto à definição do ser alado. Seria um anjo? Um frango? Um delírio

provocado pela fome? É nessa teia que o espectador é convidado a se equilibrar, enquanto os dois seres se digladiam em um intenso confronto dialético. O exílio forçoso de um, e a miséria do outro, pontuam a trama, que apresenta um cenário pós-apocalíptico permeado de desesperança. Um ser alado e um ser humano, no abismo de suas percepções, preconceitos, medos e dúvidas.

Livrentemente inspirado no conto “Um señor muy viejo com unas alas enormes”, de Gabriel García Márquez

Datas: 1, 2, 3, 4 e 5 de maio



Espetáculo *“Velhos caem do céu como canivetes”*

Foto: Divulgação

Pai & Filho

O espetáculo utiliza uma linguagem crua e visceral para discutir as relações de poder, originadas na estrutura familiar e disseminadas na constituição sociocultural contemporânea. Na peça, um homem aprisionado e oprimido pelo poder do pai, procura enfrentá-lo, mas seu discurso não consegue quebrar a hierarquia familiar, impedindo que um diálogo aberto se estabeleça. A encenação disponibiliza um espaço para a discussão sobre o conflito de gerações e a relação de dependência utilizada no seio familiar como instrumento de poder. *Livrentemente inspirado no conto “Carta ao Pai”, de Franz Kafka*

Datas: 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18 e 19 de maio



Espetáculo "Pai & Filho"

Foto: Ayrton Valle

Ensaio sobre a memória

Um escritor e sua assistente iniciam uma pesquisa para a escrita de um novo conto. O objeto de pesquisa é um senhor que se engajou contra um regime militar latino-americano e foi torturado. Por não resistir à tortura entregou seus pares, e passou a vida esperando uma segunda chance para remediar essa fraqueza. Mas como Deus não pode fazer com que o que foi não tenha sido, a peça mergulha em um labirinto de narrativas: conflitos de versões, memórias ficcionais, e suspeição histórica escondem um fim inesperadamente revelador.

Livremente inspirado no conto "A outra morte"

de Jorge Luís Borges

Datas: 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30 e 31 de maio e 1 e 2 de junho



Espetáculo
"Ensaio sobre
a memória"

Foto: Ayrton Valle

Desassossego

"Desassossego" é um convite para o espectador mergulhar em uma experiência cênica sensorial, emotiva, divertida e provocadora. Luciana Duarte e Jeyzon Leonardo são personagens de si mesmos, em uma comédia constrangedora para sorrisos amarelos, encenada por Marcelo Flecha. Na busca pela cena perfeita, tentando construir um novo espetáculo, eles convidam o espectador a invadir um processo de montagem, e ver de maneira escancarada todos os desassossegos, descompassos e descaminhos do mundo teatral, se deparando com a metáfora perfeita do que é a vida humana cotidiana, no seu aspecto mais puro. Afinal, nem o teatro imita a vida, nem a vida imita o teatro, tudo faz parte do mesmo caos: "Fazer teatro é um novo

nascimento. E daqui pra frente tudo é obstáculo...”.
Livremente inspirado no “Livro do desassossego”
de Fernando Pessoa

Datas: 5, 6, 7, 8 e 9 de junho

SERVIÇO

OCUPAÇÃO PEQUENA COMPANHIA DE TEATRO – MA

Espetáculos:

“Velhos caem do céu como canivetes”: até 5 de maio

“Pai & Filho”: de 8 a 19 de maio

“Ensaio sobre a memória”: de 22 de maio a 2 de junho

“Desassossego”: de 5 a 9 de junho

Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro 3

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3808-2020 | ccbbrio@bb.com.br

Mais informações em bb.com.br/cultura

*Dias/Horários: quinta, sexta, sábado e segunda, às 19h;
domingo, às 18h*

Duração: 60 minutos

*Debates: 3, 17 e 31 de maio e 7 de junho,
após as apresentações*

*Sessões Inclusivas (intérprete de libras): 11 e 25 de maio
e 8 de junho, domingo às 18h*

Ingressos: gratuitos

*Retirada de ingressos: Na bilheteria do CCBB RJ e pelo site
bb.com.br/cultura*

Exposição:

“Pequena Mostra de Teatro”

*De 1º de maio a 9 de junho, de quarta a segunda,
das 9h às 20h*

Local: Corredores de acesso ao Teatro 3

Classificação indicativa: livre

Oficina:

“Artesanias iluminocenográficas: desenvolvendo tecnologia a partir da obsolescência”

Carga horária: 9h

Dias: 30/04, 14 e 28 de maio, as quartas-feiras

Local: Teatro 3 – Centro Cultural Banco do Brasil RJ

*Público: iluminadores, cenógrafos, alunos de teatro,
artistas de teatro, encenadores e pesquisadores com
interesse em dramaturgia da luz a partir de iluminações
não convencionais.*

Classificação indicativa: 18 anos

Vagas: 30 vagas

*Inscrições gratuitas: Para se inscrever, basta preencher
formulário no site bb.com.br/cultura*

Espetáculo “Desassossego”

Foto: Mar Pereira





Megaexposição

“ANDY WARHOL: POP ART!”

chega ao Brasil com mais de 600 obras do artista

Até 30 de junho, o público brasileiro poderá visitar a maior exposição do artista já realizada fora dos Estados Unidos.

Organizada pelo Instituto Totex, mostra inédita acontece no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado (MAB FAAP) em São Paulo

“Andy Warhol: Pop Art!” apresenta mais de 600 obras vindas do *The Andy Warhol Museum* (Pittsburgh/EUA), distribuídas em 2000 metros quadrados de galerias. Da extensa lista de obras, constam trabalhos icônicos, alguns dos quais jamais exibidos fora do museu – *Campbell's Soup*, *Elvis*, *Mao*, *Marilyn*, *Michael Jackson* e *Pelé* são bons exemplos. Em “Andy Warhol: Pop Art!” encontram-se pinturas de todas as fases da carreira do artista, serigrafias inesquecíveis, esculturas raras, fotografias surpreendentes, instalações de grande porte e filmes experimentais.

Grande expoente da Pop Art, movimento artístico caracterizado por se utilizar de elementos da cultura popular, Andy Warhol é considerado um dos artistas mais importantes do século XX. Sua produção rompeu as barreiras entre a vida cotidiana e a arte, de maneira irônica e criativa, numa explosão de linguagem visual que conquistou o mundo e reverbera até hoje. O seu legado inconfundível deu origem ao maior museu dedicado a um único artista nos EUA, com acervo de oito mil obras de todas as fases da carreira de Warhol.



De cima para baixo: *Marilyn Monroe (Marilyn)*, 1967; *Campbell's Soup Box*, 1962

Fotos: The Andy Warhol Museum, Pittsburgh; Founding Collection, Contribution The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc.

Música, Moda, Sonho Americano, Audiovisual, Esporte, Criação do Popismo (termo inventado pelo próprio Warhol), Raridades e Obras Interativas são núcleos que compõem a mostra. “Com essa estrutura expositiva, cada visitante pode fazer o seu próprio percurso, a partir de interesses pessoais”, diz a curadora Priscyla Gomes.

ALGUNS DESTAQUES

10 obras da série *Death and Disaster* (1962-67)

Nesta série Andy Warhol explora como a mídia e a cultura popular contribuem para a banalização e a objetificação da morte e do sofrimento. A partir de arquivos fotográficos da polícia e de jornais, o artista utilizou principalmente a repetição de imagens semelhantes

para comunicar suas ideias. Segundo Warhol, a série tem um distinto ato de discrepância que ele chamou de *Morte e Desastre*: imagens em uma única cor, uma reprodução das mesmas imagens ou as mesmas imagens sem cor alguma. A série consiste em uma coleção de cerca de 70 obras que retratam tragédias e desastres nos Estados Unidos. As imagens normalmente ampliam as tragédias e desastres retratados.

Dragqueens

Embora fascinado por pessoas famosas – Jackie Kennedy, Marilyn Monroe e Elvis Presley estão entre as muitas celebridades que aparecem em sua obra – as personagens da série “*Damas e Cavalheiros*” não são

Silver Clouds, 1966

Foto: Site The Andy Warhol Museum, Pittsburgh, floor 5 – Silver Clouds gallery, photo © Abby Warhola





Mao-Tsé-Tung, 1973

Foto: Site The Andy Warhol Museum, Pittsburgh, floor 4 – Mao installation, photo © Abby Warhola

tão conhecidas. Por décadas permaneceram anônimas e sem rótulos. Só em 2014 pesquisadores descobriram seus nomes e identidades – e ainda se sabe muito pouco sobre muitas delas.

Warhol foi contratado para criar a série por um negociante de arte italiano, Luciano Anselmino, que sugeriu uma série de imagens "impessoais e anônimas" de travestis, e criou o título teatral *"Damas e Cavalheiros"*. Os modelos foram recrutados pelos amigos de Warhol, muitos do Gilded Grape, um bar na 8ª Avenida de Manhattan. Era um ponto de encontro popular para mulheres trans negras e latinas e dragqueens de Nova York; ficava perto do estúdio de Warhol, o The Factory, e ele às vezes levava clientes lá.

Warhol tirou mais de 500 fotografias de 14 modelos e frequentemente examinava as Polaroids junto com o modelo para encontrar as que ambos achavam que funcionavam bem. Uma seleção delas foi ampliada em serigrafias. O resultado foi um grande grupo de pinturas que se desviaram da proposta original em favor de uma exploração de performance, glamour e personalidade.

Vitrine original Perfumes Dior (1957)

Oito frascos do perfume Miss Dior; em madeira pintada, a vitrine foi montada na loja da 5ª Avenida.

Silver Clouds

Criada em 1966, consiste em uma sala repleta de balões metálicos flutuantes. Os balões são inflados com uma mistura exclusiva de ar e hélio puro, permitindo que flutuem de forma hipnotizante no espaço entre o chão e o teto (as pessoas podem tocar).

Mao-Tsé-Tung (1973)

A visita do presidente norte-americano Richard Nixon à China em 1972, que marcou a reaproximação dos dois países após décadas de isolamento, é apontada como um dos motivos que pode ter influenciado a criação dos retratos que compõem a série. Embora as obras iniciais de Warhol se concentrassem principalmente no consumismo persistente da sociedade americana, os retratos de Mao podem ser considerados as primeiras obras políticas dele.

A imagem de Mao, extraída do famoso Livro Vermelho, era onipresente na China, reproduzida em massa como

ferramenta de propaganda durante a Revolução Cultural, e Warhol via paralelos interessantes entre a propaganda política e a publicidade capitalista. Em 2017 um dos retratos de Mao criados pelo artista foi vendido por US\$ 11 milhões em Hong Kong, em um leilão realizado pela firma londrina "Sotheby's". O maior Mao original de todos, além de meia dúzia de outros de diferentes tamanhos, estão presentes na mostra.

"A reunião de obras inéditas dessa exposição revela a pluralidade da atuação de Warhol. Embora associado à Pop Art, ele ocupa um lugar singular na história da arte do século XX, já que sua produção nos ajudou a repensar o que poderia ser arte, como ela era produzida e a sua circulação", afirma Priscyla Gomes, que

Flowers, 1970

Foto: The Andy Warhol Museum, Pittsburgh; Founding Collection, Contribution The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc.



assina a curadoria da exposição junto com Amber Morgan, diretora de coleções do *The Andy Warhol Museum*.

A presidente do Conselho de Curadores da FAAP, Celina Procopio de Carvalho, e a Conselheira do MAB, Pilar Guillon Liotti, celebram a realização da mostra: *"A ge-*

Cow, 1966

Foto: Site The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc.

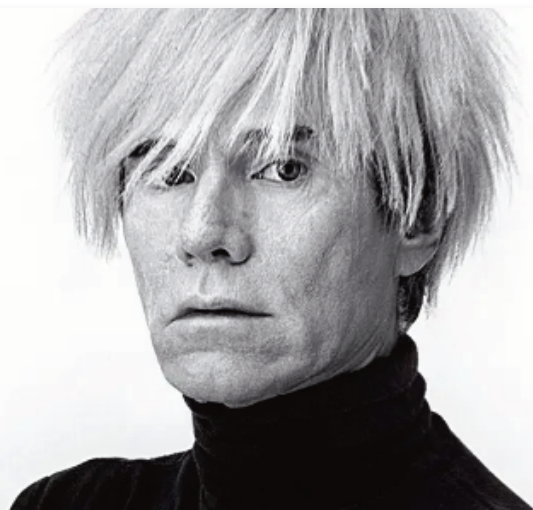


nialidade de Andy Warhol se desdobra em muitas frentes; a realização dessa inédita e grandiosa exposição irá contribuir para ampliar ainda mais o entendimento e a importância das artes e de suas ramificações.”

“*Andy Warhol: Pop Art!*” conta com recursos de acessibilidade física e comunicacional, oferecendo infraestrutura adequada aos visitantes com mobilidade reduzida,

serviços de audiodescrição para pessoas com baixa visão e legendagem dos conteúdos para os visitantes com deficiência auditiva.

Na área educativa, são oferecidos cinco mil ingressos para alunos da rede pública de ensino, com visita monitorada, além de formação gratuita para 500 professores e distribuição de materiais pedagógicos.



Andy Warhol

Foto: Reprodução

Andy Warhol nasceu em Pittsburgh, Pensilvânia, Estados Unidos, no dia 6 de agosto de 1928. Era filho de imigrantes tchecos que foram para os Estados Unidos na época da Primeira Guerra Mundial. Ainda jovem gostava de desenhar, pintar, cortar e colar imagens. No ensino médio teve aulas de arte na escola e no Museu Carnegie.

Estudou arte no *Carnegie Institute of Technology*, onde se graduou em 1949 e foi morar em Nova York. Começou a trabalhar como ilustrador para impor-

tantes revistas e tornou-se um dos ilustradores mais bem sucedidos da década de 50, recebendo diversos prêmios. Em 1956 alguns trabalhos seus foram expostos no MOMA (Museu de Arte Moderna de Nova York).

Em 1961 Warhol fez suas primeiras pinturas pop, com base em quadrinhos e garrafas de Coca-Cola. Em 1962 estreou a famosa série “*Soup Can Campbell*”. Nesse mesmo ano fez sua primeira exposição na *Ferus Gallery* em Los Angeles, quando vendeu todas as telas.

Em junho desse mesmo ano, começou sua produção de retratos de celebridades, usando a técnica da serigrafia, que permitia, a partir de fotografias, reproduzir em série com variação das cores. A partir de 1963, passou a criar filmes *underground*, que se tornaram clássicos do gênero, entre eles, “*Empire*” (1964), “*Blow Job*” (1964) e “*The Chelsea Girls*” (1966).

Em 1964 abre o estúdio “*The Factory*” onde realiza sua primeira exposição de esculturas; na mesma época resolve produzir a banda *The Velvet Underground* e a *The Factory* começou a atrair artistas. Em 1969 Andy Warhol fundou a revista “*Interview*”.

Escreveu diversos livros sobre si mesmo e sobre a Pop Art, entre ao quais “*The Philosophy on Andy Warhol*” (1975) e *The Andy Warhol Diaries* (1989)

Andy Warhol faleceu em Nova York, no dia 22 de fevereiro de 1987.

Fonte: https://www.ebiografia.com/andy_warhol/

SERVIÇO

Andy Warhol: Pop Art!

De 1º de maio a 30 de junho

MAB FAAP | Museu de Arte Brasileira

Fundação Armando Álvares Penteado

Dias/Horários: todos os dias das 9h às 20h (última entrada às 19h); fechado às segundas-feiras

Ingressos: terça a sexta – R\$ 50 inteira, R\$ 25 meia-entrada; sábados, domingos e feriados – R\$ 70 inteira, R\$ 35 meia-entrada

Classificação etária: livre para todas as idades

Site oficial: www.AWBR25.com.br



Empire, 1964, 16mm film,

Foto: © 2016 The Andy Warhol Museum, Pittsburgh, PA, a museum of Carnegie Institute. All rights reserved.

Michael Jackson, 1984

Foto: The Andy Warhol Museum, Pittsburgh; Founding Collection, Contribution The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc.



DUAS VEZES ELIZABETH JOBIM



Laocoonte, 1988

Foto: Vicente de Mello

Na Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, exposições paralelas centram-se na produção de Elizabeth Jobim, que celebra os seus 40 anos de carreira

Duas exposições dedicadas à obra de Elizabeth Jobim, *“A inconstância da forma”* e *“Entre olhares – Encontros com a Coleção Roberto Marinho”*, ocupam os dois andares do instituto cultural, pontuando as quatro décadas de carreira da artista carioca. As mostras apresentam as diferentes fases de sua produção e traçam relações visuais entre suas obras.

Jobim assina a curadoria de exposição no térreo, estabelecendo diálogos entre a sua obra, grandes nomes da Coleção Roberto Marinho e de sua coleção particular. No andar superior, a curadoria de Paulo Venancio Filho opta por uma mostra panorâmica com mais de 50 desenhos e pinturas, revelando como, ao longo dos anos, a pesquisa artística de Jobim evoluiu de forma pendular, em constante relação com sua própria trajetória.

Reconhecida como um dos principais nomes da arte contemporânea brasileira, Elizabeth Jobim integrou a icônica exposição *Como vai você, Geração 80?*, realizada no Parque Lage em 1984. Agora, ao ocupar os espaços da Casa Roberto Marinho, revisita sua obra marcada pela interseção entre pintura, escultura e instalação.

A INCONSTÂNCIA DA FORMA

Curadoria: Paulo Venancio Filho

No primeiro andar, *A inconstância da forma* apresenta uma seleção de desenhos, pinturas, objetos e ocupações espaciais que traçam um panorama da trajetória da artista. *“A ideia foi romper com uma narrativa de cronologia linear. A mostra provoca ‘saltos’ temporais e artísticos, desafiando o espectador a se reposi-*

cionar constantemente diante da continuidade alternante da obra”, revela o curador Paulo Venancio.

Essa abordagem cria uma dinâmica pendular que reflete a poética de Jobim, na qual linguagens e suportes se entrelaçam ao longo do tempo. Para Lauro Cavalcanti, o título da mostra *“sublinha a capacidade que a produção de Jobim possui de manter em movimento uma linguagem pessoal, cuja estabilidade consiste em acolher e retransformar tendências aparentemente antagônicas da arte contemporânea”*.



Sem título, 1983

Foto: Vicente de Mello

No início da carreira, Elizabeth Jobim explorava a pintura de forma gestual, buscando uma interpretação sensorial do mundo e dos objetos. *“Existe um caminho que começa no trabalho mais gestual e vai em direção ao desenho de observação, a partir de esculturas. Acho*

que foi nesse período, da passagem do espaço para o plano, que eu tive um amadurecimento nos anos 1980”, pontua a artista.

No fim da década de 1990, seu processo de observação direta se intensifica. Inicialmente, passa a desenhar e pintar tubos de tinta e, em seguida, a explorar as formas e ângulos irregulares das pedras encontradas em seu sítio, na região serrana do Rio. Esse elemento torna-se central na sua pesquisa, aparecendo de diferentes formas em sua obra – seja em desenhos, blocos, monólitos ou esculturas.



Sem título, 1996

Foto: Site Casa Roberto Marinho / Reprodução

A instalação *Sem título* (2001), exibida ao fundo da sala que abre *A inconstância da forma*, exemplifica essa investigação. Formado por 42 folhas de papel coladas



Sem título, 2023

Foto: Vicente de Mello

verticalmente, o mural apresenta desenhos inspirados nas pedras que atravessam a obra de Jobim. Sobre o fundo branco, a tinta acrílica azul ultramar – cor recorrente em sua produção – escorre pela superfície, reforçando a sua materialidade.

No mesmo espaço, as telas costuradas da década de 2020 introduzem um novo momento da pesquisa da artista. O linho aparece em diferentes tratamentos – cru, branco, pintado ou em tecidos industriais para estofados – enquanto as linhas de costura, que estruturam a grade geométrica, permanecem visíveis. *“A tela se organiza à maneira de um patchwork absolutamente bidimensional, uma construção de tecidos organizados e costurados fora do chassi, e como um transplante de bidimensional tornado pintura”*, resume Venancio no texto da exposição que apresentou a série *Linha Florescente*, em 2023.



Rapto das Sabinas, déc. 1980

Foto: Vicente de Mello

Nas duas salas seguintes, a estreita ligação de Jobim com a história da arte se evidencia em desenhos e pinturas que conversam com a escultura *Rapto das Sabinas* (1583), de Giambologna, e com o grupo escultórico do *Laocoonte* (1506). *“Todos esses trabalhos são da década de 1980 e trazem, cada um a seu modo, algo que me parece estar presente no olhar da artista, com diferentes graus de sutileza: um interesse pela fisicalidade e pelo movimento do corpo humano, com seus contornos anticlássicos cheios de veias, rugas e torções”,* observa o curador.

Seguindo o percurso, aparecem pinturas mais recentes, onde predominam tons avermelhados que vibram sobre telas de grande formato. Em outra sala, estão reunidos murais do início dos anos 2000, em que a cor

azul ultramar é aplicada com rolo sobre o branco. É nesse período que Jobim expande e intensifica a relação entre pintura e espaço, criando grandes instalações pictóricas com partes moduladas.

Entre elas, *Endless Lines* se destaca. Criado originalmente para a Lehman Gallery, em Nova York, em 2008, o mural de 32 metros de comprimento por 2 metros de altura é composto por telas pintadas dispostas lado a lado. A sua monumentalidade transforma o espaço expositivo em parte essencial da obra, explorando a relação entre pintura e arquitetura por meio de linhas dinâmicas e formas modulares.



Endless Lines

Foto: Susan Alzner – Site da artista / Reprodução

Seguindo o movimento pendular da mostra, as pinturas costuradas reaparecem, incluindo exemplares das séries *Enlace*, *Frestas* e *Linho Florescente*. Na última sala, pequenos desenhos revelam o processo criativo da artista. Diferente da lógica arquitetônica, em que um projeto é definido antes da execução, os esboços funcionam como registros de observação e experimentação. Muitos deles são estudos preparatórios para suas grandes instalações, mas mantêm um caráter pic-

tórico próprio, evidenciando a relação sensível entre planejamento e improvisação em sua prática.

Esse espaço reúne trabalhos de todas as décadas, sintetizando a diversidade que atravessa a exposição: guaches dos anos 1980, naturezas-mortas dos anos 1990 e as pinturas costuradas da década de 2020.

ENTRE OLHARES – ENCONTROS COM A COLEÇÃO ROBERTO MARINHO

Curadoria: Elizabeth Jobim

A exposição *Entre olhares*, no térreo, é o segundo exercício curatorial de Elizabeth Jobim na Casa Roberto Marinho. No primeiro, em 2021, a artista selecionou as “*Ripas*” da Ione Saldanha para dialogar com as suas próprias obras. Agora, Elizabeth amplia o diálogo, recorrendo não só a obras do acervo, mas à sua coleção particular e à própria produção artística. As obras selecionadas refletem um olhar pessoal sobre suas influências e as conexões que atravessam sua trajetória. “*Nesse processo, eu considereei tanto a escala das peças quanto as afinidades com meu trabalho*”, sintetiza a artista.

A curadoria se constrói a partir da expressividade gestual e da relação com o corpo – elementos centrais em sua obra. “*Esse recorte é também uma forma de se refletir hoje sobre os anos 1980, contexto esse da produção abstrata gestual, no qual iniciei minha pesquisa e trajetória nas artes*”, explica.

Nesse período, Iberê Camargo teve grande influência em seu trabalho, especialmente por suas séries *Fantas-*



Iberê Camargo, *Garrafas*, 1957

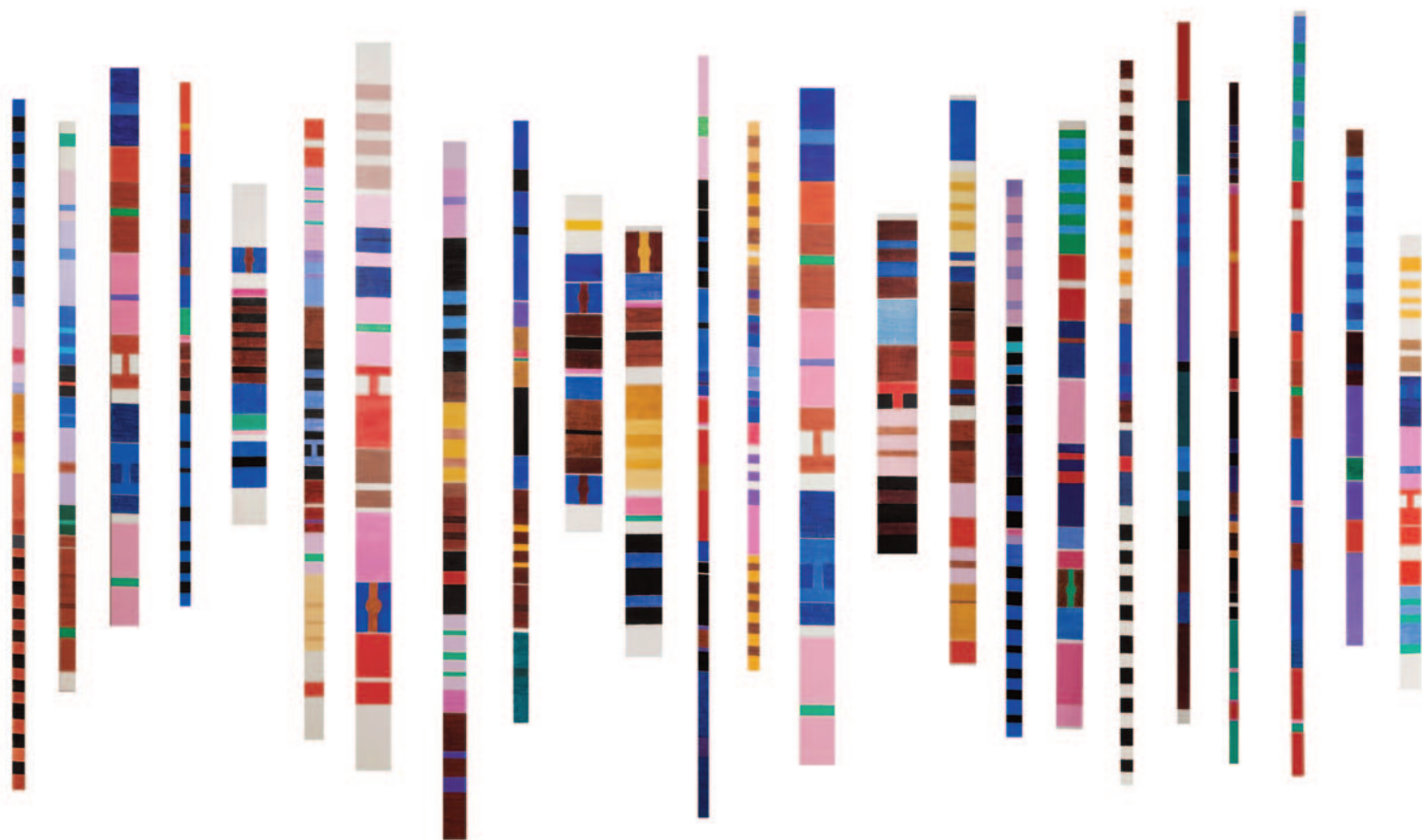
Foto: Pedro Oswaldo Cruz



Tunga, *Eixo exógeno*, 1996

Foto: Site Casa Roberto Marinho / Reprodução

magorias e Ciclistas, que dialogavam intensamente com a cena contemporânea da época. Já Jorge Guinle se destacou como uma referência essencial, tanto por sua produção pictórica quanto por seus textos sobre arte, que impactaram significativamente a sua formação. A escultura *Eixo exógeno* (1996), de Tunga, marcada por um movimento de torção, exemplifica essa conexão entre corpo e espaço. Outros artistas como Ana Linnemann, Iole de Freitas, Gabriela Machado, Tarsila do Amaral e Maria Helena Vieira da Silva, além de



Ione Saldanha, *Ripas*, 1991

Foto: Cadu Pilotto

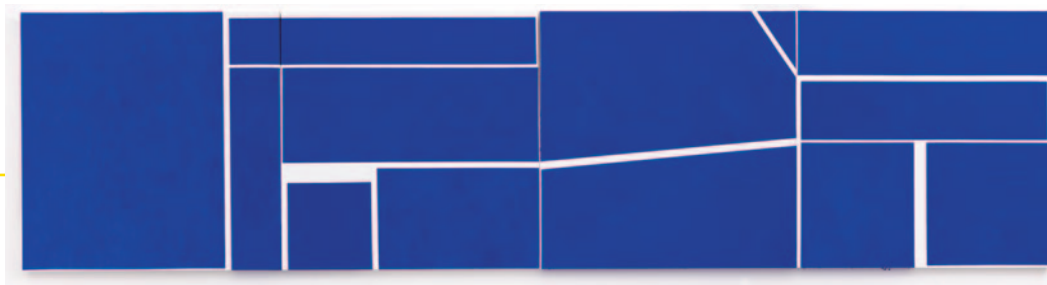
Angelo Venosa e Antonio Bandeira, também aparecem em sua seleção, reforçando a diversidade do diálogo.

Ao trazer obras de sua coleção particular, a artista evidencia como essas peças se relacionam com seu olhar sobre o mundo e sua própria criação. *"Comecei a colecionar trocando obras com colegas, uma prática comum entre artistas e, com o tempo, também adquiri algumas peças. Sempre escolho trabalhos que, de alguma forma, dialogam com a minha obra – mesmo quando essa relação não é óbvia à primeira vista, ela acaba se revelando"*.

Ao longo da mostra, essa dinâmica se desdobra, culminando em uma seleção que enfatiza a presença física na construção da imagem e na ocupação do espaço expositivo. Esse aspecto fica evidente em obras como o

mural *Sem título* (2024), de quatro metros de comprimento, instalado na segunda sala ao lado de *Garrafas* (1957), de Iberê Camargo. A interação entre pintura e arquitetura se repete com a presença das pedras, expostas na mostra *Variações* (Paço Imperial, 2019), e das telas com volume, da década de 2010. Estes blocos coloridos, que são ao mesmo tempo pintura, escultura e instalação, interagem com o espaço e convocam o corpo do espectador a percorrê-lo.

Na terceira sala, a exposição ganha uma dimensão imersiva com uma instalação site-specific criada especialmente para a mostra, que remete às séries *Enlace* e *Linha Florescente*. Utilizando tecidos sobre as paredes, Jobim constrói um ambiente em que telas de sua coleção particular e da Coleção Roberto Marinho ampliam as possibilidades de interlocução entre obra e arquitetura.



Elizabeth Jobim,
Sem título, 2024
Foto: Pat Kilgore

Esse percurso é concebido como uma biografia visual e afetiva, revelando as conexões da artista com os seus contemporâneos e os caminhos que moldaram a sua obra.

SOBRE ELIZABETH JOBIM

Elizabeth Jobim nasceu em 1957, no Rio de Janeiro. Formou-se em Comunicação Visual na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1981, e obteve seu mestrado em Artes Plásticas (MFA) na Escola de Artes Visuais de Nova Iorque. Lecionou Desenho e Pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rio de Janeiro), em 1994 e em 2010.

Entre as suas exposições coletivas, destacam-se: Salão Nacional de Artes Plásticas, no MAM Rio (Rio de Janeiro, 1982/1983); *Como Vai Você, Geração 80?*, no Parque Lage (Rio de Janeiro, 1984); Panorama da Arte Atual Brasileira, no MAM (São Paulo, 1990); Arte Contemporânea Brasileira, na Galeria Nacional de Belas Artes (Pequim, China, 2001); 5ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2005); *Art in Brasil 1950-2011 – Europalia 2011*, no Palais des Beaux-Arts, (Bruxelas, 2011); *(de)(re)construct*, no Bronx Museum of the Arts (Nova Iorque, 2015); *Mulheres na Coleção*, no MAR (Rio de Janeiro, 2018); *No papel*, na Mul.ti.plo Espaço Arte (Rio de Janeiro, 2019); *Drawing Out Summer: A revolving selection of gallery artists*, na Henrique Faria Fine Art (New York, 2020); *A escolha do artista* na Coleção Roberto Marinho, no Instituto Casa Roberto Marinho (Rio de Janeiro, 2021); *Abstração: a realidade mediada*, na Millan (São Paulo, 2022).

Entre as exposições individuais destacam-se: *Pinturas e Desenhos*, na Galeria Raquel Arnaud (São Paulo, 1997); *Aberturas*, no Paço Imperial (Rio de Janeiro, 2006); *Endless Lines*, na Lehman College Art Gallery (Nova Iorque, 2008); *Em Azul*, na Estação Pinacoteca, (São Paulo, 2010); *Blocos*, no MAM Rio (Rio de Janeiro, 2013); *In This Place*, Henrique Faria Fine Art (Nova Iorque, 2017); *Ensaio*, Galeria Raquel Arnaud (São Paulo, 2018); *Jazida*, Museu do Açude (Rio de Janeiro, 2018), *Variações*, no Paço Imperial (Rio de Janeiro, 2019); *Frestas, Lurixs* (Rio de Janeiro, 2019); *Entre Tempos*, Galeria Simões de Assis (Curitiba, 2021); *A linha fluorescente*, na Galeria Raquel Arnaud (São Paulo, 2023); *Elizabeth Jobim - O Tempo das Pedras*, no Museu Oscar Niemeyer (Curitiba, 2024).

SERVIÇO

A inconstância da forma (1º andar)

Até 10 de agosto

Entre olhares – Encontros com a Coleção Roberto Marinho (térreo)

Até 22 de junho

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, nº 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Dias/Horários: terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

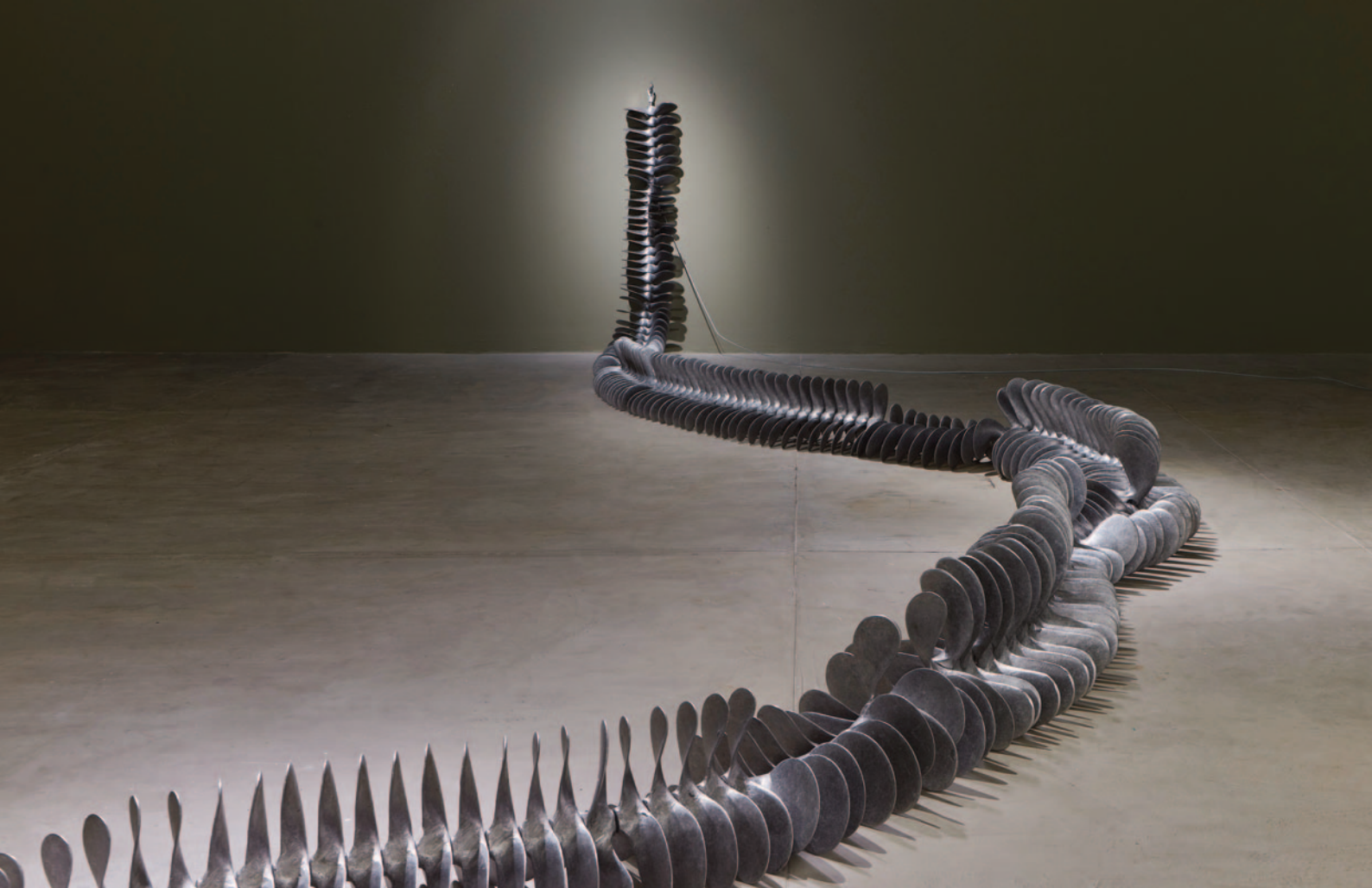
Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca para todos os

públicos. Aos domingos, “ingresso família” a R\$10 para

grupos de quatro pessoas.



Marcone Moreira, *Vertebral*

Foto: Rafael Salim

Marcone Moreira e Mônica Schoenacker na Casa de Cultura do Parque

Artistas exibem obras na fachada e na área externa da instituição até 31 de agosto

Marcone Moreira (1982, Pio XII, MA) apresenta *Vertebral*, uma instalação com cerca de 600 hélices de alumínio de uma embarcação, adquiridas de uma fundição artesanal amazônica, que preserva técnicas tradicionais. A instalação integra o projeto *No Deck*, em

que artistas são convidados a criar obras site specific para a área externa da instituição. Dispostas em 20 metros, as hélices com seis tamanhos distintos mimetizam o movimento de uma cobra e evocam fluxos e deslocamentos aquáticos.

Ao longo de 20 anos, Moreira tem pesquisado materiais náuticos, incorporando madeira e metais, além de explorar a carpintaria naval e a fundição. Sua obra reflete um interesse pelas transformações industriais da matéria, ligado à sua proximidade com a Mina de Carajás, localizada no sudoeste do estado do Pará.

O artista realizou mostras individuais em importantes instituições, incluindo o Paço Imperial (Rio de Janeiro), o Instituto Tomie Ohtake (São Paulo) e o Palácio das Artes (Belo Horizonte). Participou de coletivas como a Bienal das Amazônias (Belém) e "VAIVÉM" no CCBB (São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte). Recebeu prêmios da Funarte, Secult-PA e Itaú Cultural, além da Bolsa Pampulha. Suas obras integram coleções públicas em museus como o MAR (Museu de Arte do Rio), MAM-RJ e museus de Belo Horizonte e Belém.

Já a mostra de Mônica Schoenacker (1967, São Paulo, SP) explora a serigrafia, combinando processos artesanais e industriais, para ocupar a fachada da Casa de Cultura do Parque, como parte do projeto *Dando Bandeira*, iniciativa que estimula artistas a criarem obras em formato de bandeiras, evocando seu simbolismo visual que representa origens, valores e história.

Em *Embandeirada*, as peças são estampadas nas oficinas – com o apoio da equipe do Instituto Acaia, essa técnica de impressão se transforma em espaço de criação e aprendizado. A pesquisa em padrões de estamparia também integra a mostra, investigando suas repetições e significados gráficos. Dessa forma, Schoenacker atua na relação entre imagem, materialidade e reprodução, ressignificando elementos cotidianos.



Mônica Schoenacker

Foto: João Lberato

Formada pela FAU USP e *Royal College of Art*, Schoenacker é criadora da Sericleta, unidade móvel de impressão serigráfica por meio da qual realizou ações em espaços públicos e no SESC. Lecionou serigrafia, estamparia e artes em diversas instituições e, atualmente, trabalha no Instituto Acaia. A exposição na Casa de Cultura do Parque conta com o apoio de Gabriel Balbino, Jeane de Jesus e Maria Vitória Ferreira Nascimento, equipe do Instituto, e da Gênesis Tintas.

As mostras têm direção artística de Claudio Cretti, idealização do Instituto de Cultura Contemporânea (ICCo), realização do Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura e patrocínio do Banco BV e do BTG Pactual.

SERVIÇO

Marccone Moreira: Vertebral

Mônica Schoenacker: Embandeirada

Até 31 de agosto

Casa de Cultura do Parque

Av. Prof. Fonseca Rodrigues, 1300, Alto de Pinheiros,
São Paulo / SP

Tel.: (11) 3811-9264 | <https://ccparque.com.br/>

Dias/Horários: quarta a domingo, das 11h às 18h

Toda a programação é gratuita, com classificação indicativa livre, aberta a todos os públicos interessados e está sujeita à lotação do espaço.

Agendamento de grupos:

educativo@ccparque.com.br e Whatsapp (11) 99520-2759

“LABIRINTO INTERIOR” – RENATO DIB

*O artista apresenta recorte de mais de 20 anos de carreira
na Galeria Contempo, em São Paulo*



Tapeçaria *Lord* – Objeto feito com gravatas antigas
Foto: Divulgação

O universo têxtil – costuras, bordados, tramas e camadas de tecidos – é o aspecto mais recorrente da exposição individual que Renato Dib apresenta na Galeria Contempo, “*Labirinto interior*”, a partir do dia 3 de maio. Os trabalhos selecionados revelam uma investigação profunda sobre a interioridade e o corpo, tanto em suas dimensões visuais quanto simbólicas. Com organização do próprio artista e texto crítico de Agnaldo Farias, a mostra marca o início da parceria de Dib com a galeria.

A exposição oferece um recorte abrangente de mais de duas décadas da produção do artista, com obras emblemáticas e outras inéditas. Percorre as transformações e permanências que acompanharam a sua trajetória, destacando como a matéria utilizada se converte em linguagem e, sobretudo, como o corpo é ponto de partida para uma longa especulação.

Entre o íntimo e o coletivo, o trabalho de Dib convoca que se repense ao mesmo tempo a matéria que mobiliza, em especial o campo têxtil, e as analogias possíveis que junto dela se pode experimentar. Gênero, sexualidade, desejo e repulsa são termos correntes de seu extenso léxico – os tecidos, outrora utilizados para proteger e cobrir, tornam-se suportes de um desvelamento do interior e da interioridade.

Ao baralhar também os papéis de gênero consagrados, Dib se aventura no universo da delicadeza: recolhe, coleciona e dá nova vida a tecidos finos e raros. Entre o plano e o escultórico, o artista busca compreender como aquilo que outrora servia para vestir e identificar



Rorschach n.1

Foto: Divulgação

pode ser reutilizado para recriar o dentro – tanto o biológico (feito de vísceras e entranhas), quanto aquele psicológico e sentimental.

“Há bastante tempo eu queria mostrar meu trabalho de uma maneira mais ampla, apresentando várias técnicas e algumas pesquisas paralelas entre os materiais. É o que acontece nessa exposição, onde há mistura e combinações de vários tipos de materialidade desde o tecido até o papel, metal e madeira. Meu objetivo é mostrar essa diversidade de exploração de materiais cotidianos, com carga afetiva; manipulando todos esses materiais transformo em objetos, esculturas, painéis, tapeçarias. A ideia de reunir peças antigas com outras inéditas foi levar um pouco dessa mistura que se vê no meu ateliê”, diz Renato Dib.

No período da mostra, será lançado o livro *“Labirinto de gabinetes”*, no qual o artista explora um longo trabalho de colagens-pinturas. Desenvolvida a partir de um catálogo intitulado *“Interior Design Motifs of the 19th Century”*, a publicação traz uma outra investida do artista, o universo dos interiores arquitetônicos que se desdobra em entranhas e interioridades.

SOBRE RENATO DIB

Formado em Artes Plásticas pela Faculdade Santa Marcelina (1995), Renato Dib constrói sua obra a partir de um repertório que atravessa a pintura, a colagem e as técnicas manuais associadas ao têxtil. Seu trabalho evoca, de modo literal e metafórico, a noção biológica de tecido: suas obras remetem a entranhas, órgãos e sistemas orgânicos, revelando uma anatomia sensível. Ao longo de sua trajetória, Dib apresentou seu trabalho em espaços como a Galeria Mola (Portugal), Phosphorus (São Paulo), o Museu A Casa (SP) e a Rijswijk Textile Biennial (Holanda), entre outros.

SERVIÇO

“Labirinto Interior” – Renato Dib

Abertura: 3 de maio, das 10h às 16h

Visitação: de 5 a 17 de maio

Galeria Contempo

Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1644, Jardim América, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3032-5795

Dias/Horários: de segunda a sexta, das 10h às 19h; sábados, das 10h às 16h



Corpo-Peneira na parede

Foto: Divulgação



Angélica
Dass,
Humanæ

Trabalhos de fotógrafas brasileiras em exposição na Sorbonne Art Gallery, em Paris

*A mostra “ID” propõe uma reflexão sobre como a imagem pode desafiar
padrões impostos, afirmar identidades marginalizadas e atuar
como instrumento de resistência frente às desigualdades sociais*

Até 31 de maio, no contexto do Ano do Brasil na França, a Initial LABO, em parceria com a Sorbonne Art Gallery (Paris), apresenta a exposição “ID”, de “identidade”, reunindo obras das mineiras Márcia Charnizon e Juliana Sicoli, e da artista carioca radicada na Espanha Angélica Dass. As fotografias propõem a criação de imagens que questionam representações normativas e denunciam desigualdades estruturais na sociedade brasileira.

Os trabalhos fazem parte da coleção do acervo da Biblioteca Nacional da França (BnF). A curadoria é de He-loise Conesa, conservadora do patrimônio e responsável pelo acervo de fotografia contemporânea no Departamento de Gravura e Fotografia da BnF. Na exposição, a curadora destaca como cada artista utiliza a cor como elemento central na construção de discursos visuais sobre identidade, gênero e desigualdade social.

As três artistas brasileiras têm em comum o uso de escolhas cromáticas que oscilam entre a suavidade e a violência, em diálogo com bordados, a escala Pantone ou jogos de caça às palavras. Através da questão cromática dos três trabalhos, são abordados temas de preconceito e violência, ainda tão presentes no Brasil e no mundo.

OS TRABALHOS E AS ARTISTAS

Márcia Charnizon, em *Caça às Palavras*, retrata mulheres com mais de 50 anos que expõem, em seus corpos nus, as marcas simbólicas deixadas por frases violentas. A série parte da premissa de que crimes de ódio são precedidos por discursos de ódio. As imagens são atravessadas por uma intensa luz vermelha, que

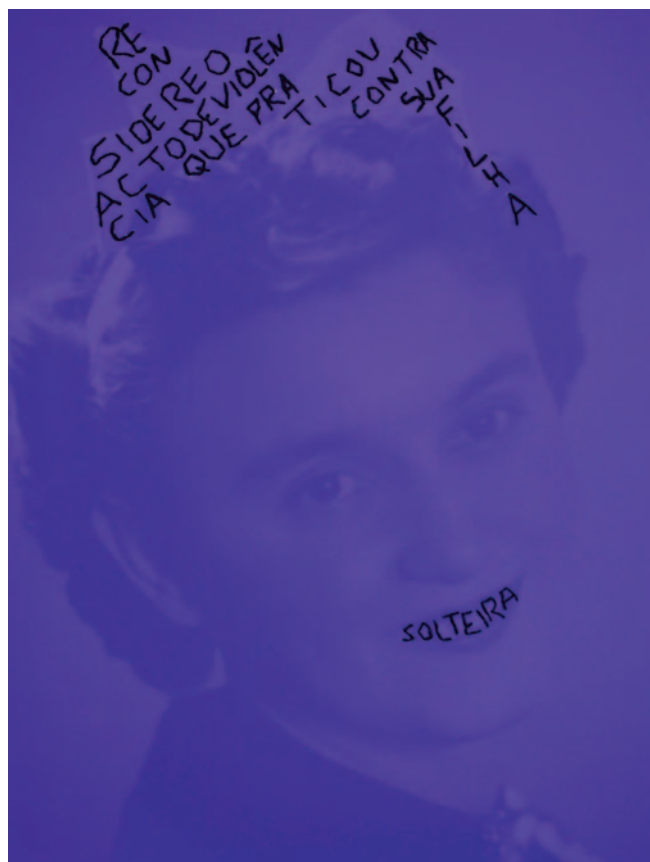
remete à atmosfera dos laboratórios fotográficos analógicos, mas também evoca outras simbologias do vermelho que ampliam o campo de sentidos do trabalho. Nesse espaço de cor e presença, a artista cria um território de denúncia, memória e resistência.



Márcia Charnizon, *Caça às Palavras*

Juliana Sicoli – Formada em psicanálise, é artista visual com pós-graduação em fotografia. Seus trabalhos exprimem uma narrativa que entrelaça psicanálise, fotografias e intervenções com materiais de corte e de costura. Com pesquisa fundamentada na busca por expressar as inquietações de tantas mulheres, a artista transcende as fronteiras do visível para desvelar camadas emocionais mais profundas. Em “*Ainda Assim Falo*”, Juliana traz uma pesquisa realizada em hospitais psiquiátricos do Brasil, onde encontrou cartas de mulheres que foram injustamente internadas, simplesmente por não terem se submetido às regras de seus pais ou maridos. Historicamente, a internação em ma-

nicômios foi um dos mecanismos usados para puni-las e silenciá-las. O trabalho busca contribuir para o debate sobre a violência de gênero e a urgência em se rever valores em um país com um dos mais altos índices de feminicídio.



Juliana Sicoli, *Ainda Assim Falo*

Angélica Dass - No projeto *Humanæ*, registra – sem distinção de idade, religião, nacionalidade, sexo ou classe social – os retratos de 4.000 pessoas em 17 países e 27 cidades ao redor do mundo. As imagens seguem os padrões clássicos da fotografia antropológica e do retrato legal (enquadramento em busto, pose e ilumi-

nação frontais). Assim, a artista constrói uma espécie de “paleta humana”, que evidencia a diversidade das tonalidades de pele à maneira de um catálogo Pantone, mas que também valoriza a continuidade sutil entre nossas cores, buscando criar mais igualdade do que diferença.



Angélica Dass, *Humanæ* (detalhe)

SERVIÇO

ID – Márcia Charnizon, Angélica Dass, Juliana Sicoli

Até 31 de maio

Sorbonne Art Gallery

12, Place du Panthéon, Aile Soufflot, RDC, Paris

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h;

sábado, das 10h às 17h

<https://www.sorbonneartgallery.com/>



Nova exposição
no Inhotim
apresenta obras
fotográficas
e audiovisuais
de artistas
indígenas da
América do Sul

*Os trabalhos passam a integrar
a Galeria Claudia Andujar |
Maxita Yano por tempo
indeterminado, com o intuito
de aprofundar novos diálogos
e reflexões sobre as
existências indígenas*

O Instituto Inhotim apresenta uma nova exposição na Galeria Claudia Andujar, que agrega ao seu nome o termo *Maxita Yano* – "casa de terra" na língua Yanomami. Marcando os dez anos desde a sua inauguração, em 2015, a Galeria Claudia Andujar | Maxita Yano recebe agora os trabalhos de 22 artistas indígenas da América do Sul, tratando de temas como o ativismo e a luta indígenas, o debate sobre imagem e fotografia, e as alianças entre diferentes povos. O conceito curatorial traz como proposta o diálogo entre Claudia Andujar e artistas indígenas contemporâneos, assim como uma nova expografia que pretende dar maior ênfase na potência política da artista.

Integram a nova exposição de longa duração obras de Denilson Baniwa (AM), Paulo Desana (AM), Edgar Kanaykõ Hakriabá (MG), UÝRA (AM), Tayná Uráz (RJ), Graciela Guarani (MS), Alexandre Pankararu (PE), Renata Tupinambá (RJ), Tiniá Pankararu Guarani (PE) e Hutukara Associação Yanomami, além dos nomes internacionais Elvira Espejo Ayca (Bolívia), Julieth Morales (Colômbia), Olinda Silvano (Peru), David Díaz González (Peru) e Lanto'oy' Unruh (Paraguai).

“A exposição Maxita Yano celebra os dez anos da Galeria Claudia Andujar no Inhotim, um espaço que se consolidou como referência na preservação e difusão da obra da artista, assim como na formação de um olhar amplo para a presença indígena no cenário artístico contemporâneo. Ao longo de sua trajetória, Claudia Andujar estabeleceu alianças fundamentais com o povo Yanomami, utilizando a fotografia como ferramenta de luta pela demarcação de suas terras e pela

defesa de seus direitos. A nova exposição, ao colocar em diálogo sua obra com a produção de artistas indígenas contemporâneos, busca evidenciar a continuidade dessa luta e a importância das alianças para a construção de um futuro mais justo”, explica Beatriz Lemos, curadora da exposição. O projeto tem assistência curatorial de Varusa e contou com pesquisa de Douglas de Freitas, Marília Loureiro, Deri Andrade e Lucas Menezes.



Graciela Guarani, *Mbaerete*, 2025

A nova mostra – que propõe uma visão expandida sobre natureza, território, cotidiano, espiritualidade, retrato e alianças – é organizada em núcleos temáticos que convidam o público a se aprofundar na obra de Andujar e a conhecer detalhes de sua produção artística e de seu engajamento na luta indígena. O trajeto se inicia com um conjunto de trabalhos da artista focados em imagens da floresta amazônica, a partir de suas fotografias de paisagens aéreas, como a série *Rio Negro* (1970-71), por exemplo.



Edgar Kanaykõ Xakriabá, *dois pontos Canto e dança tradicional Xakriabá*, 2025

Une-se a essa coreografia a presença da artista UÝRA, que utiliza o corpo como suporte para narrar histórias de diferentes naturezas. Com seus autorretratos, UÝRA representa a floresta, que é constantemente observada e, aqui, nos confronta de volta.

A familiaridade com o território Yanomami permitiu a Andujar registrar a vida indígena com sensibilidade e respeito, por meio de imagens que revelam a confiança mútua e a cumplicidade entre a fotógrafa e seus retratados. Na segunda sala da exposição, as obras de Andujar na região do rio Catrimani, onde passou longos anos em convivência com os Yanomami, e da artista Elvira Espejo Ayca, em sua comunidade natal, comuni-

cam que a arte, neste contexto, não é apenas objeto estético, mas é presença e age como condutor de sustentação da memória e da identidade. Assim, a produção artística que emerge da conexão com o território torna-se elemento intrínseco do ecossistema, nutrindo-se de suas particularidades e, simultaneamente, contribuindo para sua preservação.

Na sequência, na grande sala central da galeria, os diálogos entre as obras acontecem em torno da espiritualidade, dos rituais, da luta e do retrato. As fotografias de Andujar mostram o cotidiano e a espiritualidade dos Yanomami, em profunda conexão com o território e revelam a essência deles em comunhão com outros povos

indígenas. Esses aspectos encontram ressonância nas obras de Graciela Guarani, Tayná Uràz, Julieth Morales e Lanto'oy' Unruh, cujas produções artísticas também exploram a relação intrínseca entre cultura, cosmologias e território. Já a representação do corpo indígena como um símbolo de resistência ecoa nas obras de Edgar Kanaykõ Xakriabá, que utiliza a arte como instrumento de luta pela terra. Paulo Desana e David Diaz Gonzales, ambos oriundos de contextos indígenas amazônicos entre Brasil e Peru, apresentam seus trabalhos tendo em vista a prática artística do retrato, técnica essencial para a representatividade dos povos.



David Díaz González, *Hilando y Bordando*, série *Retratos de mi sangre*

Por fim, o quinto núcleo evidencia os impactos destrutivos do contato entre a sociedade não indígena e os Yanomami por meio de registros de Andujar, desde a construção da Perimetral Norte, na ditadura militar, até a persistência do garimpo ilegal. Ali revela-se a devastação ambiental, epidemias e violência que marcaram esse encontro, reforçando o compromisso da artista com a saúde indígena e a denúncia dessas violações. Neste contexto, Denilson Baniwa, em seu trabalho comissionado pelo Inhotim, nos leva para Boa Vista, Roraima, em 2025. A obra é uma cartografia da presença Yanomami na cidade, que com frequência enfrenta extrema vulnerabilidade, como o alcoolismo e a dependência química. Um reflexo das profundas transformações sociais e culturais que afetam esse povo e um tributo à luta pela dignidade dos Yanomami.

"É muito relevante constatar como que o cenário artístico conquistado pela produção indígena contemporânea foi impactado positivamente pela existência da Galeria Claudia Andujar no contexto institucional brasileiro, nos últimos dez anos. Para o Inhotim, revisar esse projeto reforça não apenas seu compromisso perene com a pesquisa e a inovação, mas também reafirma a qualidade ética dessa galeria e da trajetória de arte e luta de Claudia Andujar", pontua Júlia Rebouças, diretora artística do Inhotim.

PESQUISA E RECONHECIMENTO

A exposição apresenta ainda a Sala Documental Claudia Andujar, que se dedica à pesquisa sobre a artista, destacando seu papel como fotojornalista e ativista na defesa dos Yanomami. Com materiais provenientes de importantes acervos, como o Centro de Documentação



Claudia Andujar,
Urihi-a (da série
Catrimani), 1976

Indígena (CDI) e o Instituto Socioambiental (ISA), o espaço traça a trajetória de Andujar desde sua atuação na Amazônia até sua influência no campo da arte e dos direitos indígenas. A mostra também revisita a história da própria Galeria no Inhotim, além de momentos marcantes da carreira de Andujar, ressaltando o impacto de sua obra como denúncia e reflexão sobre a representação da imagem.

Hutukara Associação Yanomami (HAY), organização representativa dos povos Yanomami e Ye'kwana com atuação há mais de 20 anos e presidida pelo xamã e liderança Davi Kopenawa Yanomami, assina a curadoria de uma das salas da galeria, apresentando a produção contemporânea Yanomami, com a exibição de vídeos de Morzaniel Ramari Yanomami e do trio Ainda Harika Yanomami, Edmar Tokorino Yanomami e Roseane Yariana Yanomami, além de 18 desenhos dos artistas Ehuana Yaira Yanomami, Joseca Mokahezi Yanomami, Oneron Yanomami, Salomé Ohotei Yanomami, que trazem o olhar do próprio povo Yanomami sobre si. Essa ação representa grande força no projeto curatorial de Maxita Yano, um lastro de legitimidade e resistência deste trabalho conjunto.

A Galeria Claudia Andujar I Maxita Yano tem a Vale como Mantenedora Master por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura e a Parceria Institucional da Embaixada e do Consulado da Colômbia e do Peru e do Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe – CAF.

SERVIÇO

Galeria Claudia Andujar | Maxita Yano

Instituto Inhotim

Dias/Horários: de quarta a sexta-feira, das 9h30 às 16h30; sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 17h30; nos meses de janeiro e julho, o Inhotim funciona também às terças.

Ingressos: Inteira – R\$ 60,00 | Meia-entrada* – R\$ 30,00

*Veja as regras de meia-entrada no site:

www.inhotim.org.br/visite/ingressos

Quarta Gratuita Inhotim: todas as quartas-feiras são gratuitas

Domingo Gratuito: todo último domingo do mês é gratuito

Localização: O Inhotim está localizado no município de Brumadinho, a 60 km de Belo Horizonte (aproximadamente 1h15 de viagem). Acesso pelo km 500 da BR-381 – sentido BH/SP. Também é possível chegar ao Inhotim pela BR-040 (aproximadamente 1h30 de viagem). Acesso pela BR-040 – sentido BH/Rio, na entrada para o Retiro do Chalé.

Classificação indicativa: livre

<https://www.inhotim.org.br/>

"Natureza
Fantástica",
de
Patrícia Fairon,
no Centro
Cultural
Correios RJ

Hoje o mar está verde
Foto: Divulgação



Com curadoria de Marco Cavalcanti, Patrícia Fairon explora um universo onde a natureza se revela em toda a sua complexidade e beleza. A artista captura a essência de paisagens em formatos variados e cria uma experiência visual que transcende ao olhar comum, apresentando paisagens naturais em uma profusão de cores e formas de um universo pictórico singular.

São pinturas a óleo e acrílica sobre tela e papel, que exibem as formas da natureza em um movimento constante, refletindo a dança da vida. Em cada pincelada, a artista revela a emoção que a natureza provoca, desde a serenidade das paisagens tranquilas até a intensidade dos momentos de fúria.

Nas palavras do curador, *"Natureza Fantástica exhibe as dualidades da natureza: sua calma e tempestade, sua beleza e brutalidade. Uma fonte inesgotável de inspiração, a natureza impulsiona a artista a explorar formas, cores e abstrações que contam histórias, falam de emoções e sentimentos, apesar de uma aparente e pretenso desordem fantástica que revela em última instância a ordem primordial do universo"*.

SOBRE A ARTISTA

Nascida em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, mora no Rio de Janeiro e Buenos Aires. A artista realizou diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e na Argentina, onde frequentou a Escola Prilidiano Pueyrredón e os estúdios Guillermo Roux, Gabriela Aberastury e Anna Rank.

SERVIÇO

"Natureza Fantástica" – Patrícia Fairon

Até 7 de junho

Centro Cultural Correios RJ

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sábado, das 12h às 19h

Gratuito | Livre

Mar azul II

Foto: Divulgação



Stones I

Foto: Divulgação



“Sintomas do Agora”, um recorte da Coleção Collaço Paulo



Gravura de
Maria Martins
Foto: Divulgação

“*Sintomas do Agora*” é a sexta exposição promovida pelo Instituto Collaço Paulo – Centro de Artes e Educação, desde a sua fundação em Florianópolis (SC), em 2022. A curadoria de Francine Goudel estabelece conexões entre obras representativas de diferentes períodos e materialidades capazes de estimular reflexões sobre a arte, a história e o tempo.

A mostra reúne obras de diferentes artistas e épocas, que constituem a Coleção Collaço Paulo, com o objetivo de criar um espaço de explanações sobre os sinais do tempo presente. Os trabalhos, cada um a sua maneira, capturam traços visíveis e invisíveis de um panorama global em veloz transformação. Ao transitar por temas diversos como biodiversidade, consumo, poder, cidadania e multiculturalismo, a mostra possibilita uma visão sistêmica, além de uma construção individual e coletiva de conhecimento.

O conjunto de obras apresentadas, em associação de imagens e temas, revela mais uma vez o olhar engajado do casal de colecionadores que incorporam ao longo dos anos trabalhos que dialogam com temas emergentes. De modo diverso e independente, a curadora cria um novo recorte do qual extrai potencialidades inclusivas e plurais, misturando culturas e territórios, o passado e o presente.

O critério curatorial dá espaço para a arte de Santa Catarina, incluindo Eli Heil (1929-2017), Fernando Lindote, Paulo Gaiad (1953-2016), Rubens Oestroem, Schwanke (1951-1992) e Silvio Pléticos (1924-2020). No conjunto, esses nomes e trajetórias inseridos na arte

brasileira, demonstram como cada um rompe com as tradições, reinventam e ajudam a enxergar de um outro modo o que já está posto. Suas pinturas carregam a vitalidade desta prática tradicional assumida com forma e discursos renovadores.

Outra potencialidade do recorte curatorial é a inclusão de mulheres artistas. Eli Heil, Renata Leoa, Maria Martins (1894-1973), Silvana Mendes, Yolanda Muhalyi (1909-1978) e Tomie Ohtake (1913-2015) ampliam, cada uma a seu modo e no seu tempo, a dimensão humana da arte feminina que traz sensações e qualidades inquestionáveis de fatura e pensamento.



Obra de Eli Heil

Foto: Divulgação

Nessas representações, uma mistura que permite entrar em contato com Maria Martins, que está na história do modernismo brasileiro, bastante conhecida sobretudo pela série “*O Impossível*”, criada nos anos 1950, em esculturas de bronze. A mostra inclui uma

gravura identificada nesse período de criação. Já no tempo contemporâneo, nunca apresentadas em Florianópolis, Renata Leoa e Silvana Mendes, artistas emergentes, cujas práticas estão inseridas nas políticas de afirmação racial.



Obra de Renata Leoa

Foto: Divulgação

No âmbito ambiental, outra janela aberta em *“Sintomas do Agora”* põe o espectador em contato com uma tela de João Baptista da Costa (1865-1926), reconhecido como um dos grandes pintores de paisagem brasileiros entre os séculos 19 e 20. Como exímio paisagista, põe o visitante em contato com a exuberância

de uma biodiversidade, de matas e verdes, de cenários bucólicos que não existem mais.



Obra de João Baptista da Costa

Foto: Divulgação

“Sintomas do Agora” e as iniciativas que asseguram acessibilidade contam com o apoio do Serviço Social da Indústria (Sesi), apoio cultural da Ibagy e patrocínio da Prefeitura de Florianópolis por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

SOBRE A COLEÇÃO COLLAÇO PAULO

O Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação,

fundado sem fins lucrativos e mantenedor da Coleção Collaço Paulo, coloca o seu acervo à disposição da sociedade e se associa à história artística e cultural de Santa Catarina e do Brasil. De olho no tempo contemporâneo e na expansão do olhar, aposta na valorização do patrimônio artístico e no desenvolvimento de iniciativas no campo da educação, cultura e do entretenimento.

O acervo consiste em um conjunto de peças de estilos variados e de um período significativo da história da arte. Abarca movimentos e escolas, compreendendo a arte brasileira e mundial entre os séculos 15 e 21. A diversidade de suportes e linguagens está manifesta em pinturas, esculturas, desenhos e objetos. A representatividade de artistas brasileiros, dos séculos 19 e 20, se dá, entre outros, com Eliseu Visconti (1866-1944), Georgina Albuquerque (1885-1962), Victor Meirelles (1832-1903), Henrique Bernardelli (1858-1936), Belmiro de Almeida (1858-1935), Pedro Américo (1843-1905) e Rodolfo Amoedo (1857-1941).

Santa Catarina se firma com Eduardo Dias (1872-1945), Elke Hering (1940-1994), Hassis (1926-2001), Rodrigo de Haro (1939-2021), Meyer Filho (1919-1991). Referências modernistas ou contemporâneas transitam entre Martinho de Haro (1907-1885), Guignard (1896-1962), Pancetti (1902-1958), Lasar Segall (1889-1957), Iberê Camargo (1914-1994), Tomie Ohtake (1913-2015), Miguel Afa, Renata Leoa, Silvana Mendes e Nádia Taquary.

Uma das mais significativas do Sul do Brasil, a coleção recentemente esteve representada com cinco telas do

italo-brasileiro Visconti, na exposição “*Visconti e Renoir: Impressionismo 150 anos*”, na Danielian Galeria, em São Paulo, que marcou os 150 anos do movimento impressionista, inaugurador da era moderna na arte.

SERVIÇO

Sintomas do Agora

De 15 de maio a 14 de novembro

Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação

R. Des. Pedro Silva, 2.568, bairro Coqueiros, Florianópolis / SC

Tel.: (48) 3025-4058

Dias/Horários: segunda a sábado, das 13h30 às 18h30

Gratuito

www.institutocollacopaulo.com.br



Georgina de Albuquerque, Flor de Maracá

Foto: Divulgação



Gê Viana, *Loja de ervas, 1810: vendas de tabaco e especiarias, 2020*; da série: *Atualizações Dramáticas de Debret*

Foto: Galeria Superfície / divulgação

Mostra em Paris debate a obra de Debret a partir do olhar de 14 artistas contemporâneos brasileiros

*Exposição apresenta obras de Anna Bella Geiger, Gê Viana,
Denilson Baniwa, Jaime Lauriano, entre outros artistas, que partem do universo
do pintor para repensar o Brasil da atualidade*

A Maison de l'Amérique Latine recebe 40 releituras de 14 artistas brasileiros contemporâneos sobre Debret. Com o título *"O Brasil Ilustrado: A herança pós-colonial de Jean-Baptiste Debret"*, a exposição – com curadoria

do francês Jacques Leenhardt e da brasileira Gabriela Longman – reúne obras de nomes como Gê Viana, Dalton Paula, Anna Bella Geiger, Jaime Lauriano, Denilson Baniwa e Tiago Sant'Ana.

A mostra, que integra a programação do Ano do Brasil na França, nasceu a partir do livro *“Rever Debret”*, escrito por Leenhardt e editado por Samuel Titan Jr. e Gabriela Longman em 2023. A publicação está prestes a ganhar uma edição francesa pela prestigiosa editora Actes Sud.

“Ao contrário do que a gente imagina, Debret é pouco conhecido na França. No Brasil, em compensação, essa iconografia permeia os livros didáticos e moldou o imaginário de diferentes gerações sobre a história do Brasil e da escravidão”, diz Gabriela a respeito do pintor, que viveu no Rio de Janeiro entre 1816 e 1831.

No livro, Leenhardt, um dos maiores estudiosos de Debret, enfatiza sua vida dupla: ao mesmo tempo em

que trabalhava na corte de dom João VI e Dom Pedro I, o pintor, um filho da Revolução Francesa, preenchia seus cadernos pessoais com cenas da vida cotidiana – muitas vezes violenta – que observava nas ruas. São esses registros, mais tarde reunidos na *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, que servem como ponto de partida para crítica e paródia por parte de uma geração efervescente de artistas do século 21 em suas instalações, vídeos, colagens digitais e outros formatos.

Dividida em três núcleos, a exposição conta com uma seleção de trabalhos de Anna Bella Geiger, Claudia Hersz, Dalton Paula, Denilson Baniwa, Eustáquio Neves, Gê Viana, Heberth Sobral, Isabel Löfgren & Patricia Gouvêa, Jaime Lauriano, Livia Melzi, Tiago Gualberto, Tiago Sant’Ana e Valerio Ricci Montani.

Jaime Lauriano, instalação *Trabalho*, 2017

Foto: Filipe Berndt / Galeria Nara Roesler / divulgação





Tiago Sant'Ana, frame de vídeo *Refino*, 2018

Foto: Galeria Leme / divulgação

Na instalação *Trabalho* (2017), Jaime Lauriano apresenta uma série de itens que reproduzem a iconografia de Debret. De cartões postais e camisetas a um cesto de lixo, os itens que compõem a obra refletem sobre a saturação de imagens amplamente difundidas no cotidiano brasileiro, apartadas do cenário crítico que Debret as aplicava no contexto de *Viagem pitoresca*.

Outro destaque da exposição são as colagens digitais da série *Atualizações Traumáticas de Debret*, de Gê Viana. A artista maranhense revisita cenas que compõem as pranchas de Debret, atribuindo a elas novos sentidos por meio da adição de elementos inesperados, como cogumelos ou caixas de som.

SOBRE A MAISON DE L'AMÉRIQUE LATINE

Inaugurada em 1949 em Paris, a Maison de L'Amérique Latine dedica-se a promover a riqueza e a diversidade

cultural latino-americana, com uma programação intensiva de exposições, concertos, apresentações de teatro e cinema, além de encontros literários, acadêmicos e diplomáticos.

Ocupando um edifício histórico no bairro Saint-Germain-des-Prés, sua sede abriga uma vasta coleção de obras literárias e artísticas, representando a pluralidade de estilos e perspectivas dos diferentes países do continente e enfatizando o diálogo intercultural contínuo.

Nas últimas décadas, seu espaço tem sido palco de exposições emblemáticas de artistas consagrados ou emergentes – Frida Kahlo, Cândido Portinari e Julio Le Parc, para citar alguns – além de inúmeros projetos que enfatizam colaboração entre artistas latino-americanos e franceses nas mais diferentes plataformas e linguagens artísticas.



Tiago Gualberto, Gravura da série *Dots*, 2014

Foto: Galeria Leme / divulgação

SOBRE OS CURADORES

Jacques Leenhardt

Sociólogo brasileiro, dedica-se a investigar a criação literária e plástica no Brasil e na América hispânica, assinando ensaios, catálogos e livros, como *Dans les jardins de Roberto Burle Marx* (1994). Membro fundador da associação *Archives de la Critique d'Art*, é também presidente honorário da *Association Internationale des Critiques d'Art*. Foi curador de diversas exposições monográficas (sobre Jean-Baptiste Debret, Frans Krajcberg, Iberê Camargo, Seydou Keita, Antoni Tàpies e Wifredo Lam, entre outras) e coletivas (a exemplo de *Villette-Amazone*, Paris, 1996 e *Arte Frágil, Resistências*, São Paulo, 2009). Estudioso de Debret, foi responsável pelas novas edições francesa e brasileira da *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (Imprimerie Nationale, 2014, e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2016).

Gabriela Longman

Jornalista, editora e curadora, é mestre em História da Cultura pela EHESS-Paris e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Trabalhando na

interseção entre a literatura e as artes visuais, desenvolve projetos para instituições como Sesc-SP, Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), Instituto Inhotim, MAM-SP e Museu Judaico. É autora de *"Labirintos do Olhar"* (ed. Bei, 2017), compilação de ensaios sobre arte urbana em São Paulo, foi curadora da exposição *"Ale Ruaro: Sob o Céu sob o Chão"* na Biblioteca Mário de Andrade (2024).

SERVIÇO

Le Brésil illustre – L'héritage post colonial de Jean-Baptiste Debret

Até 4 de outubro

Maison de l'Amérique Latine

217 Boulevard Saint-Germain, Paris / França

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 20h;

sábados das 14h às 18h

Entrada gratuita

<https://www.mal217.org/fr>



Capa do Livro
Rever Debret de
Jacques Leenhardt,
Editora 34

Foto: Divulgação



Duccio di Buoninsegna, *Painel "Maestà", Cristo e a Samaritana*, 1308-1311

Foto: Copyright Museo Thyssen-Bornemisza, Madrid

A ARTE COMO REFÚGIO

Maria Hermínia Donato

Num mundo cheio de incertezas, onde tudo parece urgente e inquieto, a gente acaba voltando ao que é mais instintivo: proteger, acolher, e estar junto. No fundo, todo mundo quer se sentir seguro, inteiro de novo.

É aí que entra a arte.

Ela vira esse lugar de respiro, de calma no meio da correria. Um jeito de lembrar que dá pra desacelerar, respirar fundo, se reconectar.

Na busca desse lugar, fui visitar a exposição *“Siena: The Rise of Painting”, 1300–1350*, em cartaz na National Gallery até junho, uma oportunidade rara, uma reunião única de trabalhos que moldaram o curso da pintura europeia. Resultado de uma colaboração entre a National Gallery e o Metropolitan Museum de Nova York, a mostra levou oito anos para ser concebida e apresenta cerca de 100 obras de arte do século XIV, muitas das quais não eram vistas juntas desde a Idade Média.

Siena, no início de 1300, era uma cidade em pleno florescimento artístico, mercantil e espiritual. Situada na rota de peregrinação entre Canterbury e Roma, enriquecida por suas redes comerciais e bancárias, tornou-se centro de influência cultural. A ascensão da pintura sienesa em 1300 teve um impacto significativo no desenvolvimento da arte ocidental, preparando o caminho para o Renascimento italiano. A cidade também desempenhou um papel importante no desenvolvimento da arquitetura e da cultura italianas.

Duccio di Buoninsegna, Simone Martini e os irmãos Pietro e Ambrogio Lorenzetti são os quatro artistas em

torno dos quais a exposição se organiza – nomes fundamentais que elevaram a pintura a uma nova categoria artística e simbólica. Por meio de suas obras, acompanhamos o surgimento de uma abordagem mais humana das cenas sagradas, com figuras que ganham peso emocional e presença espacial.



Duccio di Buoninsegna, Painel *“Maestà”*,
A Chamada dos Apóstolos Pedro e André, 1308-1311

Foto: Courtesy National Gallery of Art, Washington

Um dos destaques é, sem dúvida, a reunião de painéis do monumental *“Maestà”*, de Duccio di Buoninsegna, obra encomendada para o altar mor da Catedral de Siena em 1308. Concluída em 1311, é considerada uma obra-prima da arte renascentista italiana. A impressionante *“Maestà”* de Duccio di Buoninsegna, o mais celebrado pintor da Escola de Siena, tem 25 metros quadrados e foi o primeiro conjunto de painéis para um

altar pintado em ambos os lados: na frente, a *Virgem entronizada com o Menino Jesus cercada por santos*; na parte posterior, a reunião de algumas das cenas mais importantes da arte sacra – *Cristo e a Samaritana* e *A Chamada dos Apóstolos Pedro e André*. A obra oferece ao público uma visão rara da complexidade compositiva e da sofisticação técnica de Duccio.

Duccio abandona aqui a rigidez bizantina e introduz emoção e narratividade, abrindo caminho para a arte do Renascimento. No século XVIII, “*Maestà*” foi serrada e seus painéis se dispersaram por museus e coleções do mundo todo. A exposição reúne, pela primeira vez em séculos, várias dessas cenas — uma chance rara de vislumbrar a força original dessa peça monumental.

Outros trabalhos de Duccio também se destacam, como os trípticos *A Virgem e o Menino com Santo Domingos e Santa Áurea* e *Patriarcas e Profetas* (c. 1312–15). Os detalhes íntimos dessa obra – como o gesto delicado da Virgem tocando o joelho do Menino, que brinca com o véu ao revelar o rosto da mãe – mostram uma sensibilidade emocional refinada, aliada a uma imaginação visual extraordinária.

Diante do políptico de Simone Martini, conhecido como o *Políptico Orsini*, é impossível não se impressionar com a delicadeza e a sofisticação técnica desse trabalho. Encomendado pelo Cardeal Napoleone Orsini, composto por seis painéis em têmpera sobre madeira, as cenas da *Paixão de Cristo* – *Cristo carregando a cruz*, *Crucificação*, *Descida da cruz* e *Deposição no túmulo* – revelam a paleta vibrante e o

cuidado nos detalhes dourados característicos da Escola Sienesa do século XIV. No verso, a *Virgem da Anunciação* e o *Arcanjo Gabriel* dialogam em gestos delicados. A estrutura dobrável reforça o caráter íntimo da obra, feita para ser recolhida e contemplada em momentos de oração.



Duccio di Buoninsegna, *A Virgem e o Menino*, c. 1290-1300 Foto: The Metropolitan Museum of Art, New York

Pietro Lorenzetti impressiona com o “*Políptico de Tarlati*” (1320), também conhecido como “*Polittico di Santa Maria della Pieve ad Arezzo*”, cuja estrutura monumental pode ser vista em sua totalidade, inclusive o



Simone Martini,
Políptico Orsini,
Crucificação,
c. 1326-34

Foto: Hugo Maertens /
Collection KMSKA -
Flemish Community

verso – um gesto curatorial que valoriza não apenas a pintura, mas também a engenhosidade do objeto litúrgico. Trata-se de uma têmpera sobre painel com fundo dourado que representa "*Madona com o Menino, Santos, Anunciação e Assunção*". Já "*Madonna del Latte*" (c. 1325), de Ambrogio Lorenzetti, surpreende por sua abordagem ambígua: ao mesmo tempo íntima e hi-

erática, a composição parece explorar os paradoxos da iconografia cristã com uma sensibilidade profundamente original.

Siena: The Rise of Painting, 1300–1350 não é apenas uma celebração de um período artístico excepcional, mas uma chance de reavaliar o lugar da escola sienesa



Pietro Lorenzetti, *Polittico di Santa Maria della Pieve ad Arezzo*, c. 1320

Foto: Gentile concessione dell'Ufficio Beni Culturali della Diocesi di Arezzo-Cortona-Sansepolcro / L.A.D. Photographic di Angelo Latronico

na história da arte. Durante muito tempo ofuscada pela glória posterior da Renascença, a pintura de Siena revela aqui toda a sua modernidade pela ousadia técnica, pela expressividade emocional e pela capacidade de criar imagens que ainda hoje falam com intensidade.

Hoje, buscar a arte não é um luxo; é um cuidado com a gente mesmo. Um gesto simples, cheio de força, num tempo que tantas vezes esquecemos como fazer isso.

A gente vai até a arte para sentir.

Agora, mais do que nunca, é disso que a gente precisa. Algo que nos conecte, que nos emocione, que nos tire do tempo real.

SERVIÇO

Siena: The Rise of Painting, 1300–1350

Até 22 de junho

The National Gallery

Trafalgar Square, London, WC2N 5DN

<https://www.nationalgallery.org.uk/>



Foto: Site The National Gallery / Reprodução



Ambrogio Lorenzetti, *Madonna del Latte*, c. 1325

Foto: Studio Lensini Siena

O universo de Tim Burton chega a São Paulo



*Mostra imersiva recria cenas icônicas do filme mais famoso do cineasta,
O Estranho Mundo de Jack, com projeções, esculturas interativas
e muita tecnologia no Jardim Botânico de São Paulo, a partir do dia 15*

A magia sombria e encantadora de um dos diretores mais icônicos da indústria cinematográfica invade a capital paulista. Pela primeira vez no Brasil, a exposição "*O Estranho Mundo de Jack de Tim Burton - Caminho de Luzes*", que fez sucesso no Jardim Botânico de Nova York em 2024, chega ao Jardim Botânico de São Paulo, trazendo uma experiência imersiva única baseada no clássico da Disney de 1993.

Com estreia em 15 de maio, a exposição transporta os visitantes para o universo gótico e encantador de Jack Skellington, Sally e Zero, passeando pela recriação de várias cenas, desde a célula de Halloween Town até o Castelo de Oogie Boogie, com muitas projeções e esculturas 3D.

Com aproximadamente um quilômetro de extensão, o espaço, que pode ser percorrido em cerca de 45 minutos a uma hora, oferece uma experiência sensorial única, onde os fãs poderão se sentir dentro do filme, cercados por personagens e músicas.

A exposição foi criada pela Adventurelive, equipe por trás do sucesso da Broadway, Hamilton, e pela LETSGO, responsável por experiências imersivas como *Tim Burton's Labyrinth*. O projeto tem a realização do Instituto Cultural Opus e é viabilizado por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura e conta ainda com o apoio cultural da São Paulo Turismo (SPTuris).

As vendas para a experiência já estão abertas no site [oestranhomundodejackcaminhodeluzes.com](https://www.oestranhomundodejackcaminhodeluzes.com) e na bilheteria do Jardim Botânico de SP.

SERVIÇO

O Estranho Mundo de Jack de Tim Burton – Caminho de Luzes

Jardim Botânico de São Paulo

Avenida Miguel Estefano, 3031, Água Funda, São Paulo / SP
Dias/Horários:

Estreia em 15 de maio – Sessões a partir das 17h45

Última sessão às 21h45 – Sessões de 15 em 15 min

Duração: O percurso pode levar de 45 minutos a 1 hora para ser concluído | *Classificação:* Livre

Acessibilidade: Audiodescrição e Libras

Ingressos: a partir de R\$21 (meia popular)

Canais de vendas oficiais:

Site oficial: <https://www.oestranhomundodejackcaminhodeluzes.com/> | Bilheteria física: sem taxa de serviço

Foto: Avery Brunkus



Foto: Avery Brunkus

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868